poeira Zine

o melhor da música do melhor dos tempos

10 anos sem Zappa

o verdadeiro DEUS da guitarra

IGGY AND THE STOOGES
30 anos de RAW POWER

e mais:

Wishbone Ash

The Allman Brothers Band

David Bowie

Secos & Molhados

número 03 - novembro/dezembro de 2003

DUNNO CDs & DVDs

Clássicos do Rock - Progressivo
Blues - Jazz - Guitarristas

(11) 3337- 0322

Galeria do Rock
Rua 24 de Maio, 62 - Loja 371 - 2º andar - São Paulo - SP
www.dunno.kit.net

RED STAR LIVRARIA SEBO

Livros - CD's - LP's - DVD's - Fitas de Vídeo

Compra e Venda

Loja 01: Rua Nossa Sra. da Lapa, 390 - Lapa
Fones: (11) 3836-1296 / 3641-5963
Loja 02: Rua 12 de Outubro, 696 - Lapa
Fones: (11) 3831-1380 / 3831-2423
Loja 03: Rua José Bonifácio, 203 - Centro
Fones: (11) 3107-1012 / 3105-2987
Loja 04: Rua São Bento, 81 - Centro
Fones: (11) 3101-3420 / 3106-8930
São Paulo - SP

Jardim Elétrico

CDs & LPs

www.jardimeletrico.hpg.com.br

Compra - Venda - Troca

Fone: (11) 3331-7937

Galeria do Rock
Rua 24 de Maio, 62 - Loja 284 - 1º andar - São Paulo - SP

www.frontlinerock.com.br

FRONTLINE Rock

CLASSICS

CLASSIC ROCK
HARD ROCK
HEAVY METAL

R. 24 de Maio, 62 - loja 329
SP/SP, CEP: 01041-000
Fone: (11) 3337-2822
Cx. Postal 62625
SP/SP CEP: 01214-970

Songbóoks/Métodos/Vídeo-Aulas/DVDs

www.freenote.com.br · freenote@freenote.com.br

free note

Fone:(11) 3085-4690 - Fax: 3082-6186
Rua Teodoro Sampaio, 785 - Pinheiros
CEP:05405-050 - São Paulo - SP

RELICS DISCOS

CD's - LP's - DVD's
Novos e Usados

Enviamos pelo correio para todo o Brasil

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Box 310
São Paulo - SP - CEP: 01041-000 - Fone/Fax: 223-1602

Tudo Em Nome Do Rock & Roll

PENNY LANE DISCOS

www.pennylane.com.br cd@pennylane.com.br

Psicodélico - Rock Progressivo
Folk - Rock - Blues - Jazz - Hard

Rua Corrêa Dutra, 99, Loja 5, Catete, Rio de Janeiro/RJ
Tels: (21) 2225-7348 e 2285-4833 Fax: (21) 2225-7347

ART ROCK

Classic Rock 70 - CD's - LP's - DVD - VHS

Novos e Semi-novos, Nacionais e Importados
Atendemos todo o Brasil - fone: (11) 3214-2555

Rua Barão de Itapetininga, 37 - Galeria Nova Barão/Rua Alta - Loja 48
São Paulo - SP - Cep: 01042-001 e-mail: artrockcds@hotmail.com

APFEL

www.apfel.com.br

Restaurante Vegetariano

Centro: Rua Dom José de Barros, 99
Esquina com a Barão de Itapetininga
Jardins: Rua Bela Cintra, 1343
Entre a Alameda Jaú e a Alameda Santos

Prog in Concert apresenta:

Festa de lançamento **poeira Zine** nº 3, com

The Central Serutinizer Band
(a melhor banda cover de Zappa do mundo)

dia 05 de dezembro

Blackmore Bar - o Melhor Bar de Rock de São Paulo
Alameda dos Maracatins, 1317, Moema - Fone: 5041-9340 - www.blackmore.com.br

"Sem emoção não existe aprendizado".

Quando eu era garoto um professor soltou essa frase e, desde então, ela não saiu mais da minha cabeça. Ele dizia que, para um sujeito assimilar algo, uma certa dose de emoção tinha que estar envolvida.

E emoção era o que não faltava nos sons de guitarra de um cara chamado Frank Zappa. A escola guitarrística que deixou como legado inspirada nesse seu peculiar estilo de tocar é a maior prova disso.

Esse 04 de dezembro é uma data mais do que especial, pois marca os dez anos da morte de Zappa, um músico, compositor e, principalmente, guitarrista que tocava como poucos. Já é mais do que hora de Zappa ser reconhecido como um dos grandes gênios do instrumento.

Também nessa edição, dei uma bela geral na carreira do Wishbone Ash, que aportou por aqui em novembro para alguns shows. E como dezembro é um mês de comemorações, nada melhor do que celebrar os 30 anos de um holocausto sonoro - Raw Power, de Iggy e seus Stooges.

As seções Have a Nice Day e Pérola Escondida continuam marcando presença, e também ampliamos o quadro de colaboradores. Jeferson Araújo Pereira comparece com algumas das coincidências estéticas mais curiosas do mundo musical. Rubens Leme da Costa ensina como se iniciar no fantástico mundo de David Bowie e Rafael Martinelli relembra o auge e a glória dos Secos & Molhados, o maior fenômeno da música brasileira dos anos 70 (fenômeno esse que também completou 30 anos em 2003).

A outra ótima surpresa reservada para o fim de ano foi a ampliação do número de páginas. Essa edição traz ainda mais informação de qualidade sobre a maravilhosa música dos anos 60 e 70.

Um ótimo fim de ano para todos, de preferência embalado a muita sonzeira. Boa leitura...

Bento Araújo

Especiais:

04 a guitarra de Frank Zappa

18 Wishbone Ash no Brasil

14 Raw Power - 30 anos de crueza sonora

16 coincidências estéticas

24 lançamentos do Allman Brothers Band

Seções:

13 Have a Nice Day

26 Pérola Escondida - KGB

25 Música que vem do Brasil - Secos e Molhados

12 Por detrás dos botões - Tom Dowd

10 como comprar - Bowie

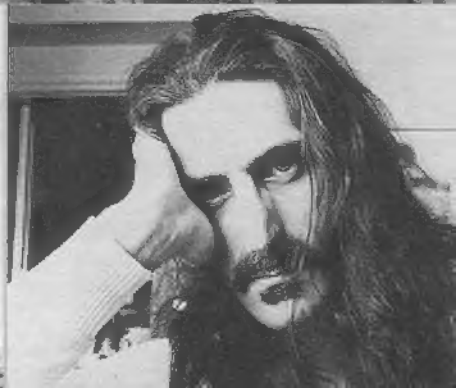
Bento Araújo, 26 anos, é jornalista e fanático por música em geral. Adora escrever, vasculhar sebos e lojas de discos e tocar contra baixo.

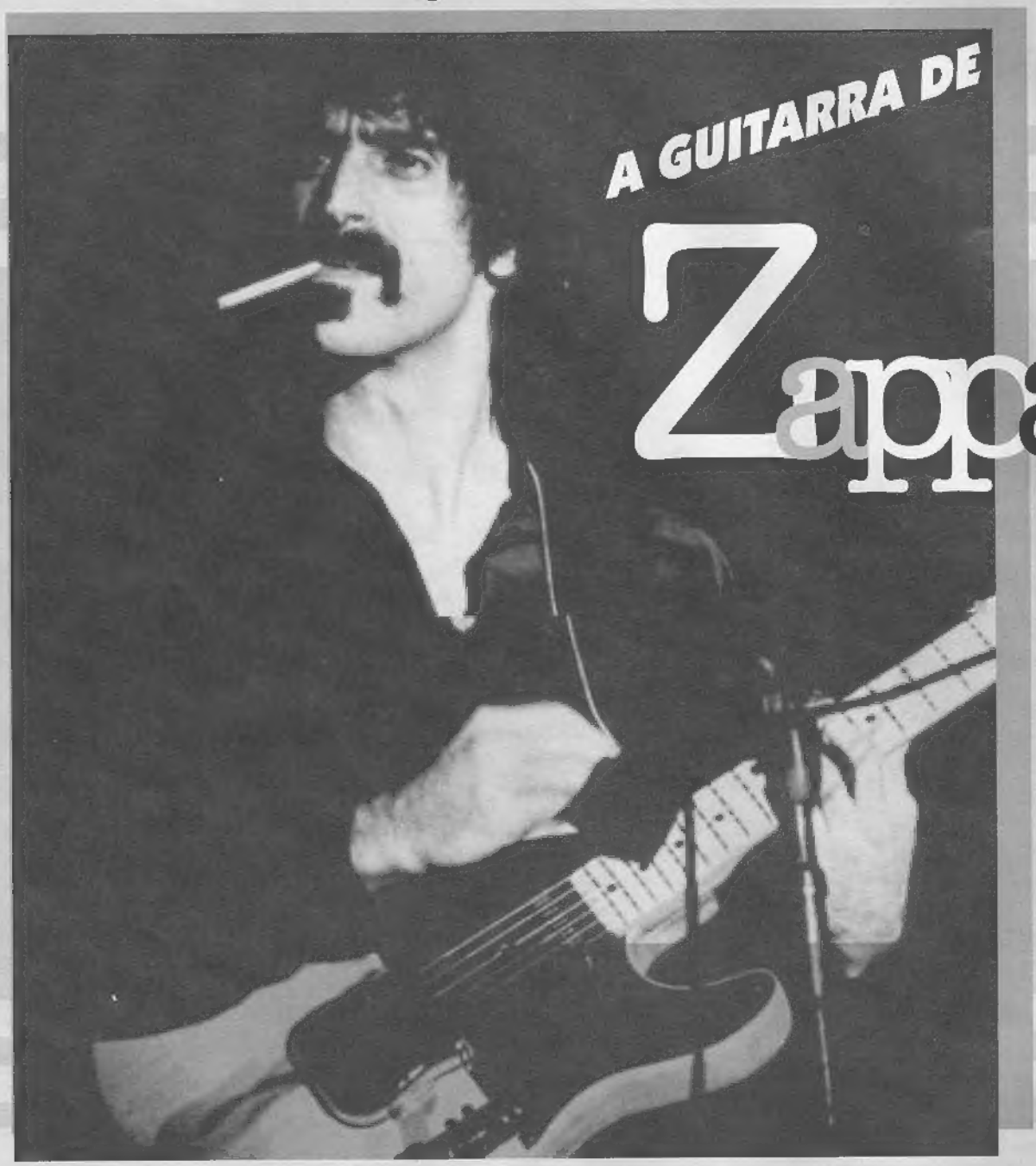
Editor, redação, arte, diagramação, Marketing publicitário e Jornalista Responsável : Bento Araújo Mtb 38.344

Contato, anúncios e números atrasados: poeirazine@hotmail.com ou pelo (11) 9526-7947
Todas as matérias são de autoria do editor exceto as indicadas.

Colaboraram nesta edição: Jeferson Araújo Pereira, Rubens Leme da Costa e Rafael Martinelli
Revisão de textos: Patrícia Grillo
Tratamento dos logos publicitários: Carol Penna

Agradecimentos: Carmen (mamy rock n' roll, meu exemplo de alma), Carol (pela força e coragem), Tó, Padre Bento, todos os meus amigos aqui da Terra e do Universo, Vó (pela sabedoria e amor), Vó, José, Júlia, Ray, Rogério, Victor Page (Fraser is the Best), Vitão Bonesso, Jeferson Araújo Pereira, Diaz, João Pacheco, Daniel Atibaia, Patrícia Grillo, Cadinho e Tomada, Sérgio E. Alpendre, Helton, Nivaldo, Fábio Golfetti, Nélson, Normando (nº1 do blues), Menino Wilson, Yuppo, Magrão e Moacir, Bonfim, Carlinhos Apfel, George, João Paulo Andrade, Socram, Rubens Leme da Costa, Luiz Barata, Anastácio, Vladimir, Carlinhos Vinil 7, Wilson e Zé, João Flowers, Ernando, Mané e Jorge, Amadeu, Marcelo Watanabe, Júnior, Dr. Rock, Marco FN, Fernando PL, Alcides, Mineiro, Jorge "Rocker", Oriando, Márcio, Júlio, Renatão Kiss, Rafael Martinelli, Carlos Lopes, Almir Patife, Walter e Roger, Bianca e Márcio (Gazeta AM).





MY GUITAR WANTS TO KILL YOUR MAMA

Que o tempo é implacável e velocíssimo, disso ninguém duvida. Agora, o que todos nós duvidamos é: quando, nesse novo século ao qual acabamos de ingressar, surgirá alguma figura no mundo musical que tenha pelo ao menos uma faísca da genialidade de Zappa? Alguém que venha estabelecer um novo patamar para a criatividade, um conceito absolutamente original; nunca visto e sequer experimentado no careta Planeta Terra.

Passados dez anos de sua morte, Zappa continua mais famoso pelo seu nome, do que pelas suas geniais composições. Analisando essa gravíssima falha, se partirmos então para o âmbito "guitarrístico" as coisas são ainda piores. A real é que Zappa nunca foi reconhecido como um gênio do instrumento. A crítica em geral prefere chamar outros apenas "bons" guitarristas de "Deus" (maldita pichação). Tem até um pessoal que começa a aprender a tocar guitarra e não sabe sequer que Zappa era um guitarrista, pensam que ele era somente um vocalista e gozador... santa ignorância...

Enquanto vivo, Zappa tocou, sacaneou, solou, ensinou, regeu, cutucou, xingou, encantou e divertiu milhares de jovens, deixando ainda uma obra vasta e riquíssima, dividida em mais de 60 álbuns lançados entre 1966 e 1993. Além de gozador nato, Zappa tinha elegância e um senso de confiança (principalmente em seu próprio trabalho) fora do comum. Cabe a nós da Poeira Zine a honra de bradar a peito aberto: Zappa is GOD!

o fim é só o começo

Até mesmo morto, Zappa já é incrivelmente diferente de seus companheiros defuntos. No mundo do Rock, almas como as de Jim Morrison, Elvis Presley, John Lennon, Janis Joplin e muitas outras são constantemente atormentadas ou por fãs doentios ou por artistas insípidos que não param de copiá-los e citá-los como influências supremas.

Com Zappa o negócio é outro, seu espírito simplesmente não dá margens a essas babaquices. Seu estilo de vida calmo (se comparado à porra-louquice de certos astros) e sua imagem cool e centrada, colaboraram para isso.

Podem reparar, nunca rola pagação de pau com Zappa na grande mídia. Os jornais e a TV não endeusam o músico. Ainda bem, pois Zappa era um outro tipo de artista popular, artista que injetou genialidade e ousadia na retrógrada sociedade norte-americana dos anos 60.

Voltando dez anos no tempo, no dia 04 de dezembro de 1993, Frank partia para sua "turnê final", como sua própria família comunicou à imprensa, sem o mínimo alarde, dois dias depois do acontecido.

O criador dos mais originais timbres para o instrumento das seis cordas se foi, mas o Universo criado por ele continua o mesmo. A música está aí para sempre, pronta a ser descoberta e re-descoberta. Cada audição a um disco é uma nova aventura; cada solo é uma nova emoção - e a riqueza da musicalidade de Zappa é o que conta.

o cientista das seis cordas

Com cinco anos de idade, Zappa sonhava em ser químico, o que trouxe uma certa alegria aos seus pais, que começaram a incentivar a vontade do garoto. Com seis anos ele já fabricava pólvora no seu laboratório de brinquedo! Essa sede pela experiência foi crucial na formação da personalidade do rapaz.

No quesito puramente instrumental, começou como baterista, mas o marco zero da música na vida dele pode ser considerado, quando ainda bem jovem, tomou contato com a música de Igor Stravinsky, Stockhausen e principalmente Edgard Varèse. O garoto leu numa revista de sua mãe que Varèse fazia a "pior música do mundo", o que despertou muito a curiosidade do moleque que passou a comprar muitos discos e escutar Varèse diariamente. A obsessão chegou a ponto de Zappa torrar toda sua mesada ao ligar para Varèse no outro lado do país só apenas pelo prazer de ouvir a voz de seu mestre. Infelizmente Varèse não estava em casa. Ao mesmo tempo, Zappa devorava LP's de Blues, principalmente Howlin' Wolf e Muddy Waters. Passou também a idolatrar guitarristas como Guitar Slim, Clarence "Gatemouth" Brown, Matt Murphy e Johnny Guitar Watson (que chegou até a participar nas músicas San B'erdino e Andy do disco One Size Fits All de Zappa). O problema é que os solos deles eram muito curtos e rápidos, o que não agradava o jovem Zappa, que já traçava em sua mente solos mais complexos e grandiosos, mesmo sem saber tocar uma nota sequer no instrumento! O jeito foi comprar uma guitarra e começar a criar seus próprios solos.

> "Zappa é, sem sombra de dúvidas, um dos melhores guitarristas que esse mundo já teve. Lembro de ter visto Zappa tocando num clube noturno certa vez, e todos estavam lá: primeiro o Mike Bloomfield subiu no palco e tocou maravilhosamente. Depois Hendrix veio e arregaçou, tocando coisas nunca ouvidas antes. De repente apareceu Zappa, que começou seu número imitando os dois, nota por nota, e ninguém acreditava naquilo! Depois ele passou a tocar seus próprios solos, passando por cima de todo mundo que tinha se apresentado antes!"
>
> **Alice Cooper**

Com 21 anos ele compra uma Telecaster, logo trocada por uma Jazzmaster. Com ela, Frank fez muitos shows em botecos e barzinhos no começo de sua carreira.

Zappa e suas preferências: Gibson Les Paul, e Fender Stratocaster

Zappa way of play

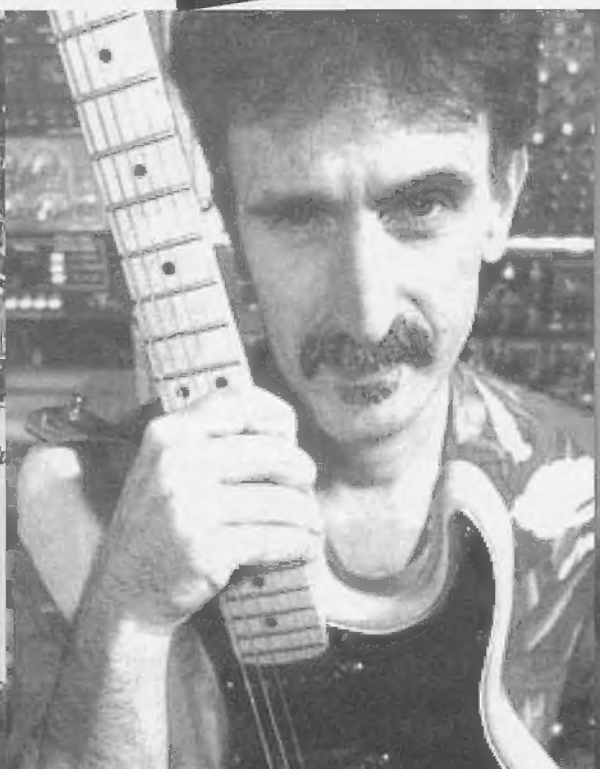
"A maioria das pessoas não reconheceria uma música boa se ela viesse e as mordesse na bunda." FZ

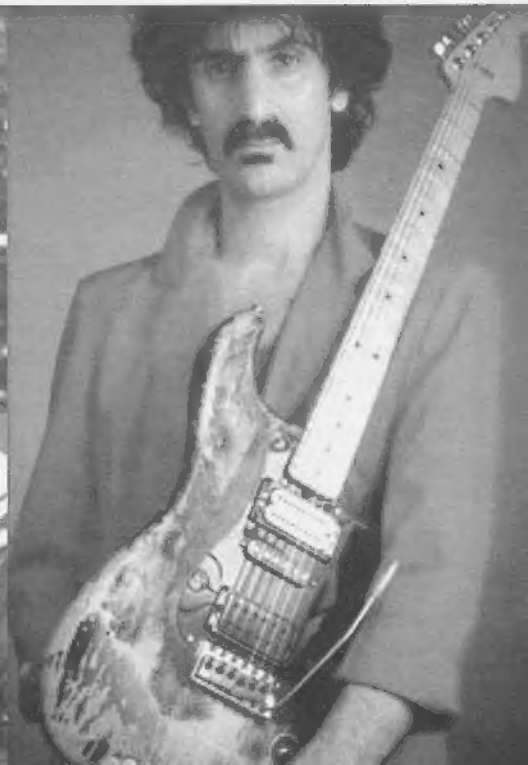
Taí o principal motivo de muitas pessoas não gostarem de Zappa como guitarrista. Sua guitarra "mordia todo mundo na bunda". Seus solos eram livres, alguns improvisados outros exaustivamente calculados, mas sempre geniais. Sua veia cientista voltava a atacar, só que dessa vez ele não queria mais saber de mesclar elementos químicos, seu interesse agora era mesclar diversos timbres e tipos de guitarras.

O que mais espantava no estilo de Zappa tocar era o fato dele parecer ignorar o que sua banda fazia enquanto solava. No primeiro bend, ele se transportava para um mundo só seu, onde ninguém poderia interferir.

Para cada nota tocada com a mão direita, Zappa acrescentava mais 5 ou 6 tocadas com a mão esquerda. Dono de um estilo inconfundível, sua mão direita parecia uma "galinha ciscando" cada nota (como seu filho Dweezil definiu). Essa peculiar característica dava ao ouvinte a sensação de estar ouvindo não apenas uma, mas várias guitarras sendo tocadas ao mesmo tempo.

Zappa também criou o que ele mesmo batizou de "Bulgarian Bagpipe" – técnica que certamente influenciou guitarristas que abusariam do "Two Hands" ou "Tapping" nos anos 80. (Para quem não sabe, essa é aquela técnica que ficou mundialmente famosa pelo Eddie Van Halen, e que consiste no guitarrista tocar o braço do instrumento com ambas as mãos ao mesmo tempo).





A diferença é que Zappa, ao invés de pressionar as cordas com o dedo, somente "batia" a palheta repetidamente nas mesmas, criando um maravilhoso efeito que pode ser conferido em músicas como Inca Roads e Po-Jama People, presentes no disco "One Size Fits All", de 1975.

Ao contrário do que muita gente pensa, Zappa não era um "Workaholic" quanto ao ficar praticando guitarra. "Eu só pego a guitarra quando eu sei que irei partir para uma tour. Eu gosto de praticar um pouco antes delas para que meus dedos venham a formar calos novamente. Eles somem, pois quando a tour termina, chego a ficar seis meses sem tocar!"

cale a boca e toque essa guitarra

Com os Mothers, ("Of Ivention" foi uma sugestão de um babaca da gravadora) Zappa passou a causar mais curiosidade no sistema do que outra coisa. Eles não passavam de engraçadinhos para a mídia, e eram tratados como freaks fedorentos (sendo justamente essa "laia" um dos alvos prediletos de Zappa). Som de Guitarra então, ninguém reparava. Apesar do já virtuoso músico que aflorava em pleno "reinado Hendrix".

Foi só com seu disco solo "Hot Rats", lançado em 1969, que Frank passou a ser respeitado como um bom guitarrista. Também pudera, faixas como "Son of Mr. Green Genes", "Willie the Pimp" e "The Gumbo Variations" eram nervosas fusões de puro jazz com rock pesado, clima perfeito para as guitarras multi-timbradas de Zappa. Outra mancada: praticamente ninguém reconhece que Zappa foi um dos pioneiros da fusão do Jazz com o Rock!

"Sem música para decorar, tempo é só a monotonia de prazos de entregas e contas à pagar." FZ

É fácil perceber porque Zappa era tão virtuoso no instrumento. "Existem vários guitarristas muito bons por aí, mas posso lhe garantir que sou o único fazendo as coisas que faço. Isto porque não me apresento como uma estrela. Vou lá pra tocar composições." E são justamente composições voltadas para a guitarra que começam a guiar seus próximos discos. Em "Burnt Weeny Sandwich" o arregaço era um duelo de guitarra com um violino na imensa faixa "Little House I Used To Live In". Em "Weasels Ripped My Flesh", uma composição chamava muita atenção, "My Guitar Wants To Kill Your Mama", que apesar de não apresentar um grande esporro instrumental, só o título já valia o disco.

No álbum seguinte, "Chunga's Revenge" de 1970 é a vez de "Transylvania Boogie" e da faixa título fazerem as honras às seis cordas. A guitarra de Frank também brilhava na sua fase Jazz-Rock dos discos "Waka/Jawaka" e "The Grand Wazzo". Na fase de maior sucesso comercial, aquela que compreendia os discos "Overnite Sensation", "Apostrophe" e "One Size Fits All", o negócio não era diferente. No disco "Zoot Allures" de 1976, o maior destaque fica para a guitarra de Zappa, que brilha em faixas como "Black Napkins", "Zoot Allures" e "Friendly Little Finger".

Zappa e seu arsenal: Gibson Les Paul, Gibson SG e o esfregão

Mas nessa imensa discografia Zappiana, em se tratando de guitarra, nada se compara aos discos da trilogia "Shut Up And Play Yer Guitar" de 1981 e o duplo "Guitar" de 1988.

desbunde guitarreiro

Como Zappa adorava tocar muito mais ao vivo do que em estúdio, era natural que o músico rodasse o mundo fazendo shows, e que também registrasse quase todas (sim eu disse quase todas!) suas apresentações. Em cada uma delas Zappa costumava fazer de 6 a 8 números instrumentais improvisados, voltados totalmente para a sua guitarra.

Apesar de perceber que muita gente realmente curtia essas partes do show, nunca lhe passou pela cabeça lançar um disco inteiro só com solos de guitarra.

A coisa toda teve início quando Zappa passou a receber inúmeras cartas de guitarristas e fãs interessados em sua técnica. Esse pessoal passou a cobrar um disco inteiramente voltado para o instrumento, o que impulsionou o guitarrista a compilar esses temas que ele tanto curtia fazer nos shows.

O material escolhido era tão volumoso, que o músico resolveu lançar não só um, mas três discos, que na América seriam vendidos de forma separada e apenas pelo correio. Nos demais países eles seriam condicionados num luxuoso Box e vendidos nas lojas.

Esse lançamento causou um enfarto não só em todos os guitarristas dos EUA, mas também em todos os fãs de Zappa, que queriam por que queriam ouvir o guitarrista se deleitando com o instrumento. O jeito era importar o Box, o que fez com que Zappa imediatamente lançasse o mesmo também nos EUA.

Prova também de que a guitarra era a principal preocupação de Frank, ele contava com Steve Vai na sua banda. Vai não era somente o guitarrista da banda, pois era ele quem passava para o papel todas as loucuras que Zappa criava na guitarra (coisas que o próprio sentia muita dificuldade em fazer). "A única pessoa no mundo capaz de transcrever minhas composições para o papel é o Steve Vai. Ele transcreveu aquilo tudo de uma maneira maravilhosamente correta. Em outras ocasiões, ele chegava a transcrever partes vocais que eu criava, e as convertia para a guitarra! Eu posso afirmar que as trancrições de Vai são 95% corretas", elogiou Zappa.

Se a trilogia "Shut Up" já tinha emocionado os guitarristas e fãs mundo afora, Zappa novamente acerta ao colocar no mercado o livro "The Frank Zappa Guitar Book", com todas aquelas transcrições feitas por Steve Vai. Pelo menos agora, os guitarristas podiam pelo menos entender um pouco mais do que Frank era capaz de criar com sua guitarra.

Em 1988, Zappa lança outra pérola, o duplo intitulado "Guitar", que nada mais era do que uma compilação de seus solos gravados em shows de 1979 até 1984. Entre muitas composições simplesmente magníficas, uma se chama "For Duane", homenagem a Duane Allman, genial guitarrista do Allman Brothers Band, morto em 1971. Zappa até já tinha gravado "Whipping Post" dos Allman nos seus discos "Them Or Us" e no ao vivo "Does Humor Belong in Music?". Zappa conta um pouco sobre essa coisa toda: "Fizemos um show na Finlândia e um maluco na audiência começou a gritar "Whipping Post". Eu me senti mal naquele momento, pois a gente não sabia tocar esse tema, e o que eu mais queria era mandar ver e acabar com aquele sujeito. Quando Bobby Martin (teclados/sax/vocais) voltou para a banda, ele sabia cantar "Whipping Post" e eu pensei - agora estamos preparados se alguém pedir a canção novamente. Na verdade começamos a tocá-la mesmo antes de alguém pedi-la."

escola Zappeira

Steve Vai

Principais discos com Zappa: Tinseltown Rebellion (81), You Are What You Is (81), trilogia Shut Up And Play Yer Guitar (81), Ship Is Arriving Too Late To Save A Drowning Witch (82),The Man from Utopia (83) e Guitar (88).

O mais ilustre súdito de Zappa. O jovem Vai era muito aplicado nos estudos do instrumento e simplesmente adorava o trabalho de Zappa. Num belo dia, Vai resolve fazer uma loucura – passar para o papel (como partituras) o complexo solo da música "Black Page" de Zappa. Vai ligou para Zappa contando sobre o feito, Zappa caiu nas gargalhadas. Vai não se fez de rogado e enviou para Frank uma fita K-7 com o solo de "Black Page", nota-por-nota, mais as partituras. Zappa imediatamente convidou Vai para integrar sua banda, e este seria efetivado como membro oficial. Nos discos ele se encarregava das "Impossible Guitar Parts", e ganhou até uma canção em sua homenagem, "Stevie's Spanking", que está no disco "Them Or Us" de 1984. Vai depois virou guitarrista da banda de David Lee Roth, do Whitesnake, e tem uma muito bem sucedida carreira solo, com vários discos já gravados. Não precisa nem dizer qual a maior influência dele em seus trabalhos solo...

Mike Keneally

Principais discos com Zappa: Broadway The Hard Way (88), The Best Band You Never Heard In Your Life (91), Make A Jazz Noise Here (91).

Mike pode ser considerado um músico super dotado. Começou tocando piano aos 5 anos de idade, depois passou para a guitarra e ainda aprendeu percussão na adolescência. Foi descoberto e contratado por Zappa em 1987, para o lugar deixado por Steve Vai. Logo saiu em tour, assumindo não só a guitarra, mas também os teclados e vocais. Deixou sua marca nos excelentes registros daquela última digressão de Zappa pela Europa em 1988. Depois chegou a participar da banda Z junto com Dweezil e Ahmet Zappa (filhos do próprio). Também gravou discos solo, além de tocar regularmente com Steve Vai. O rapaz ainda arrumou tempo para formar sua própria banda, o Beer For Dolphins. Keneally consegue unir o que Zappa tinha de melhor: virtuosismo, humor e muita competência musical.

Adrian Belew

Principais discos com Zappa: Sheik Yerbouti (79), Baby Snakes (83)

Mais uma das grandes descobertas de Zappa, Belew é o que podemos de chamar de um músico versátil e competente. A primeira vez que Zappa viu Adrian Belew tocando foi num boteco fim-de-estrada, lá pelos idos de 1977, em Nashville. Logo que surgiu uma vaga de guitarrista na sua banda, Zappa não teve dúvida e convocou Belew para o posto. A tour de 1978 (registrada magistralmente no filme Baby Snakes) foi um sucesso, e Belew era peça fundamental daquele grupo. No disco "Sheik Yerbouti" (o disco mais famoso de Zappa, pelo menos no Brasil), ele recria Dylan em "Flakes", e ainda detona nos vocais de "Jones Crusher" e "City Of Tiny Lites". Parecia se dar muito bem com Zappa apesar do curto espaço de tempo em que tocaram juntos. Depois que Zappa o lançou no show business, o moço recebeu convites de grandes nomes: David Bowie, Talking Heads e King Crimson, além de também passar a gravar como artista solo.

Dweezil Zappa

Dweezil não chegou a gravar um disco inteiro com seu pai, somente algumas participações, como o solo da música "Sharleena" que está presente nos discos "Them Or Us" e no "You Can't Do That On Stage Anymore Vol. 3". Dweezil sempre foi muito ligado em Heavy Metal e principalmente em Eddie Van Halen, o que deixava Zappa um pouco decepcionado. Lançou seu primeiro disco solo bem jovem, em 1986, "Having a Bad Day". Também virou VJ da MTV, e atuou em diversos seriados e filmes da TV norte-americana. Apesar de ser um bom guitarrista e ter estudado muito o instrumento, não pode ser comparado ao seu pai.

incessante originalidade

Em muitos de seus discos de estúdio, Zappa costumava remendar trechos de apresentações ao vivo. Muito mais à vontade em um palco, o guitarrista sempre preferiu seus solos em formato "live". "Eu tenho muita dificuldade para tocar em estúdio. Fico com uma sensação de que não posso criar um bom solo nele, simplesmente eu não entro no clima. Até eu construir o meu próprio estúdio, eu costumava gastar uma fortuna alugando estúdios para ensaios, e não podia ficar me dando ao luxo de praticar um solo por dias...", confessou Zappa.

Baseado nisso, Zappa criou uma técnica batizada por ele mesmo de "Xenocrony". Numa música gravada em estúdio (ou mesmo ao vivo), o guitarrista "pinçava" alguns de seus solos feitos em outros shows e o transformava no solo definitivo da canção. Aquele tradicional som cru da guitarra era reprocessado no estúdio, dando um tempero especial à composição. Exemplo maior são os solos de "Inca Roads" do disco One Size Fits All, e "Fembot In a Wet T-Shirt" do disco Joe's Garage.

O pedal Wah Wah também ficou famoso nas mãos (ou melhor, nos pés) de Zappa: "Fui uma das primeiras pessoas a usar o pedal Wah Wah. Eu nunca tinha ouvido falar de Jimi Hendrix quando eu comprei o meu! No disco We're Only In It For the Money, eu usava Wah Wah na guitarra, no clarinete e no saxofone, muito antes de eu ser apresentado ao Hendrix."

Em uma entrevista concedida a revista "Q", Zappa comentou sobre Clapton: "Eu conheci Clapton em um de nossos shows em Nova Iorque. Acabei até o chamando para participar do "We're only In It for the Money", onde ele gravou somente um discurso falado, e não guitarras. Ele até chegou a tocar com os Mothers num show em Los Angeles, onde ninguém nem sabia quem ele era, nem prestaram atenção nele, até eu anunciar no microfone que era o Clapton!"

diferentes guitarras para diferentes fases

Zappa tinha cerca de 25 guitarras que eram suas preferidas. Em sua casa ele mantinha um cômodo só para guardá-las.

Nos três primeiros discos dos Mothers, usou um Gibson ES-5 Switch Master, depois comprou uma de suas maiores paixões, a Gibson SG, rapidamente aprovada por ser uma guitarra leve e com braço estreito. O mais engraçado disso tudo, foi a forma como Zappa adquiriu essa guitarra; ele a comprou de um fã que veio mostrar a peça ao guitarrista depois de um show. A diferença é que ela era feita a mão e tinha 23 trastes, diferente de todas as outras SG's que passaram pela mão de Zappa.

Depois passou a usar a Fender Stratocaster e a Gibson Les Paul. Os captadores eram DiMarzio ou Seymour Duncan, as cordas sempre leves, 0.08 ou no máximo 0.09, de preferência Ernie Ball. Zappa curtia guitarras e cordas leves. Pesada só as palhetas, que eram "Fender Heavy" nos anos 70, e nos anos 80 Dweezil mostrou a Zappa as palhetas de aço, as mesmas usadas pelo guitarrista do Ratt (Warren De Martini), uma das maiores influências de Dweezil! Com elas o som das palhetadas ficava mais metalizado e moderno, o que convenceu Zappa.

Zappa não tinha só um, mas três técnicos de guitarra que trabalhavam exclusivamente para ele. Eram eles: David Robb, Midget Sloatman e Meri Saunders Jr. Frank deixava os rapazes loucos, e exigia que cada uma de suas guitarras tivesse um determinado tipo de som.

uma das muitas formações da banda de Zappa. Da esq. para dir.: Ray White, Steve Vai, Scott Thunes, Zappa, Bobby Martin, Tommy Mars, Chad Wackerman e Ed Mann, numa foto de 1981.

ZAPPA Hablando

frases e comentários sobre guitarras e outros guitarristas

Lá pelos idos de 1984, Zappa começa a perceber as dificuldades que sua banda encontra em executar certas passagens de suas composições. Para facilitar, resolve começar a compor no Synclavier (uma espécie de sintetizador eletrônico) onde ele teria total liberdade para criar sua peças complexas.

Chocando os guitarristas, Zappa chegou a declarar que abandonaria o instrumento e que não sairia em excursão nunca mais. Passaria a tocar somente o Synclavier em definitivo. Em 1986, com o disco "Jazz From Hell", essa declaração parecia que iria se concretizar, pois rendeu um Grammy (o primeiro e único) para o músico, coisa que ele nunca havia conquistado tocando sua "simples" guitarra.

Graças a Deus e a todos os santos, em 1988 Zappa se enche do Synclavier e monta uma Big Band, com muitos metais e sopros, formação abandonada por ele lá pelos idos de 1976. Lançam o disco "Brodway The Hard Way" e partem para uma excursão européia, que nunca veio a aparecer na América devido a doença de Frank, daí o nome de um dos registros dessa tour – "The Best Band You Never Heard In Your Life". Desse mesmo período lançam outro duplo ao vivo (contendo as composições mais complexas), o essencial "Make a Jazz Noise Here".

Bom, já está mais do que na hora de Frank Zappa figurar entre os maiores nomes da guitarra. A prova está aí, à disposição para quem quiser ouvir. O seu inconfundível estilo, seus discos, seus seguidores (guitarristas), e mais seguidores (fãs), não deixaram nunca de chamá-lo de verdadeiro DEUS da guitarra...

"Informação não é conhecimento...
Conhecimento não é sabedoria...
Sabedoria não é verdade...
Verdade não é beleza...
Beleza não é amor...
Amor não é música...
Música...é o MELHOR"
FZ

sobre Steve Vai: "Eu me sinto muito confortável tocando com Steve Vai. Ele faz todas aquelas coisas na Stratocaster que eu não sei fazer. Tudo que Eddie Van Halen já sonhou em fazer. Mas ele não sabe só entortar as cordas. Ele é um músico completo".
"Depois que eu ouvi aquela fita que Vai me enviou, apenas disse a ele que sua inteligência musical era algo sobrenatural e que sua guitarra era muito afiada. Além disso, ele me trouxe novas possibilidades, como eu me sentir mais a vontade para compor e todos na banda passarem a assimilar mais facilmente o que eu criava".
"Se eu coloco outro guitarrista para tocar comigo, é porque ele toca coisas que eu não toco. Se pinta um lance difícil de executar na guitarra, eu simplesmente convoco alguém que se sinta bastante confortável em faze-lo!".
"Você toca muito bem, mas seu timbre parece um sanduíche de presunto!".
Foi o que Vai ouviu de Zappa no seu primeiro show com o mestre.

sobre Eddie Van Halen: "Eddie é um bom guitarrista e merece todo esse prestígio! Eu nunca irei dizer nada contra Eddie porque o que ele fez pela guitarra foi maravilhoso! O problema é que todo mundo passou a querer tocar como ele, e o lance de tocar passou a ser uma competição, tipo "quem é o mais rápido é o melhor".

Sobre Brian May: "Gosto muito de Brian, acho ele excelente!".

Sobre Jeff Beck: "Eu curto, principalmente os solos do Wired e do Rough and Ready".

Sobre John McLaughlin: "Não sou um entusiasta desse estilo de McLaughlin. Mas devo admitir que o cara não erra nunca! Nos anos 70 todos queriam ser rápidos que nem ele, essa parte eu odiava".

Sobre Adrian Belew: "Um cara muito divertido, que acrescentou bastante a nossa banda da época (1977)".

Sobre Dweezil: "Uma vez ele me perguntou sobre alguns acordes e eu mostrei a ele como funcionavam. Mas ele é muito tímido e prefere assistir muitas vídeo-aulas e ouvir discos de Heavy Metal, aliás esse é o estilo pelo qual ele mais se interessa".

Sobre Yngwie Malmsteen: "Eu sei quem ele é. O Dweezil tocou uma música dele para mim. O fato de muitos jovens copiarem o que ele faz demonstra o quanto retrógradas são as pessoas".

Sobre Allan Holdsworth: "Um dos sons de guitarra mais interessantes desse planeta! Eu respeito muito o seu estilo de tocar".

Sobre Billy Gibbons: "Um cara bem original e autêntico. Ele parte do Blues tradicional e leva sua guitarra para outros caminhos diferentes".

Sobre Eric Clapton: "Ele não é um cara que eu gosto muito de conversar. Não é aquele tipo de guitarrista que faz Jam's, como a gente (os Mothers). Uma vez ele até tocou conosco, mas reclamou bastante dos nossos amplificadores".

Sobre tocar com Jack Bruce na música Apostrophe: "A coisa rolou simplesmente porque precisávamos de um baixista e Bruce era amigo do baterista que estava gravando comigo no estúdio (Jim Gordon). Ele era muito ocupado, e acho que tinha muitas outras coisas em mente quando fizemos aquela Jam".

Sobre Jimi Hendrix: "A primeira vez que eu o vi atuando foi em um clube de Nova Iorque. Tive o azar de sentar bem em frente aos seus Marshall's e comecei a passar mal devido ao volume. O bar estava tão cheio que não tinha como eu sair, apesar disso tudo, foi uma apresentação maravilhosa".

Sobre Randy Rhoads : "Ele é o guitarrista predileto do meu filho Dweezil! O garoto simplesmente o ama! Para o pessoal que curte esse tipo de som ele faz muito bem o seu trabalho!".

"Se você pega uma guitarra e ela diz: "Eu sou sua", já era...Você tem que agarrá-la, senti-la em suas mãos. É por isso que me dou tão bem com a Gibson SG, ela cai muito bem com o tamanho das minhas mãos, assim como a Les Paul".

"Sou reconhecido como um grande guitarrista por quatro ou cinco caras, e é melhor do que nada..."

"Não posso ser classificado como um guitarrista! Sou um compositor e o meu instrumento é a guitarra. Se você gosta de composições, legal. Minha técnica como guitarrista é apenas satisfatória. Está cheio de guitarristas por aí que são mil vezes mais rápidos do que eu, que nem erram uma nota sequer! Mas por outro lado, eu sei que tem gente que adora o que eu faço na guitarra".

"Se você achar seu timbre ideal, você pode ter certeza que irá fazer um grande solo. É algo espiritual o jeito como seus dedos respondem ao que seu ouvido quer ouvir".

"A emoção de um músico é a coisa mais importante, é o que sobrepõe ao acorde. Se deixar isto de fora, a música não vai lhe tocar".

"Tocar guitarra é como trepar. Você jamais esquece, a não ser que você seja realmente muito burro".

"Eu uso a Fender para um som mais agudo, seco e preciso. Agora se quero um som mais gordo, encorpado e quente, prefiro a Gibson".

Vai encarar ?
Os 10 mais importantes solos de Zappa!

Watermelon In Easter Hay, do disco Joe's Garage Acts I, II e III (1979)
O solo imaginário do Joe. Divindade em forma de notas musicais, parece que Zappa "buscou" cada nota em todos os cantos do Universo e as trouxe para essa música. Simplesmente bela e tocante.

Black Napkins, do disco Zoot Allures (1976)
Essa maravilha foi gravada ao vivo em Osaka no Japão em fevereiro de 1976. Depois de incluída nesse álbum, passou a ser muito pedida pelos fãs nos shows. Exemplo maravilhoso da apurada genialidade de Zappa, aqui ele literalmente deita e rola, usando efeitos e pura pegada para criar mais um solo memorável. Destaque também para a matadora atuação de Terry Bozzio na bateria.

Sexual Harrassment In The Workplace, do disco Guitar (1988)
Gravada em um show de 1981 em San Diego, essa aqui é de arrepiar . Basta o início com a galera gritando que você já sentirá todos os pêlos do seu corpo se erguerem em saudação ao mestre Zappa. Como curiosidade, Zappa gravou esse solo com a Fender Stratocaster que era de Jimi Hendrix.

Zoot Allures, do disco Zoot Allures (1976)
Zappa e aquele som seco e agudo da Fender Stratocaster. Aqui o guitarrista mostra muita malemolência no uso da alavanca, criando climas e nuances bem agradáveis. Perfeita representação do "Zappa Way Of Play". A única mancada é o tema terminar com apenas com 4 minutos de duração. O som vai abaixando e a vontade é de ficar ouvindo a guitarra por pelo menos mais uma meia hora...

Rat Tomago, do disco Sheik Yerbouti (1979)
Gravada em formato "live" num show em Berlim, aqui Zappa se deleita com frases e licks muito inspirados. E, mais uma vez, Terry Bozzio na bateria não deixando pedra sobre pedra.

St. Etienne, do disco Jazz From Hell (1986)
Essa era a única faixa do disco Jazz From Hell que não contava com o Synclavier de Zappa, ou seja, era o único tema que trazia guitarra. Aqui Zappa e Vai de deliciam com arpeggios mirabolantes e melodias maravilhosamente esquisitas.

Muffin Man, do disco Bongo Fury (1975)
Foi com esse solo que Vai se apaixonou pela guitarra de Zappa. Também pudera, todas as características marcantes e timbres Zappeiros aparecem em abundância por aqui. Chega a emocionar: Zappa sola alucinadamente, para, apresenta a banda e volta a solar novamente. Gibson SG na veia!

Ship Ahoy, do disco Shut Up n' play Yer Guitar Some More (1981)
O solo alienígina de Zappa. Aquela musiquinha usada para fazer contato com os extraterrenos no filme "Contatos Imediatos do 3º Grau" é fossa perto dessa! Gostaria muito de ver um video desse solo, pois só ouvindo não dá para se ter idéia do que Zappa está fazendo com o instrumento. Genialidade pura!

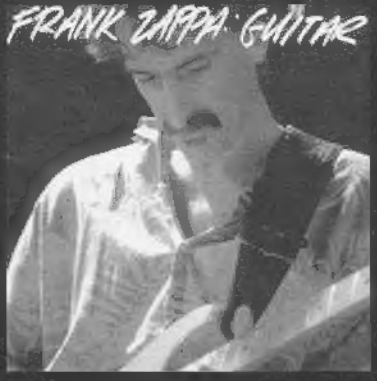
Pink Napkins, do disco Shut Up n' play Yer Guitar Some More (1981)
Zappa, sua Fender Stratocaster e o Universo pela frente: nada mais do que a exata sensação que essa música transmite. Viagem garantida! Sorte de quem estava presente, pois isso foi gravado ao vivo, no Hammersmith Odeon de Londres, em 1977.

Sleep Dirt, do disco Sleep Dirt (1979)
Essa pequena e maravilhosa peça era uma das performances prediletas do próprio Zappa. Altamente climática e exótica, a música vai se desenrolando com Zappa e James "Bird Legs" Youman nas guitarras, até que este último "engasga" no dedilhado e Zappa exclama : "Você cansou?".

Shut Up 'n Play Yer Guitar 3CD Box (1981)

Originalmente lançado em três partes separadas, o guitarrista achou melhor acondicioná-las num luxuoso Box posteriormente, o que passou a chamar muito mais a atenção dos fãs em geral. São faixas extraídas dos shows de Zappa entre 1977 e 1980. Essa foi uma fase em que ele usava mais sua Gibson SG feita à mão e sua Gibson Les Paul, tendo a Strato mais como "reserva". O disco 01 (Shut Up 'n Play Yer Guitar) já traz maravilhas das seis cordas como "While You Were Out" (com Zappa tocando uma Black Widow acústica), o reggae de "Treacherous Cretins" e todo o virtuosismo de "Heavy Duty Judy". O disco 2 (Shut Up 'n Play Yer Guitar Some More) abre com "Variations on the Carlos Santana Secret Chord Progression" (que maravilha de título!) seguida da perfeita "Gee, I Like Your Pants", onde pode ser conferida a maravilhosa técnica criada por Zappa – o Bulgarian Bagpipe (ver matéria). "Ship Ahoy" deve ter sido gravada na verdade com um marciano na guitarra, pois um mísero humano não teria capacidade nem número suficiente de dedos para fazer aquilo tudo. Para encerrar, "Pink Napkins", uma espécie de continuação de "Black Napkins" do disco Zoot Allures.

No terceiro disco, "Return of the Son of Shut Up 'n Play Yer Guitar", pintam mais surpresas como "Pinocchio's Furniture", que foi gravada da seguinte forma: primeiro, Zappa correu descalço em cima de brasas para depois pegar a guitarra e fazer esse solo! Explico: o solo é repleto de Wah Wah's nervosos, e provavelmente o pé do guitarrista estava ardendo! Tudo acaba com chave de ouro – "Canard du Jour", uma complexa e bela peça com Zappa no bouzouki (um instrumento de cordas típico dos gregos) e Jean Luc Ponty no violino. A música nada mais é do que um improviso da dupla registrado em estúdio.



Guitar (1988)

Aí já é covardia! Será que mais alguém nesse mundo ousa em pegar na guitarra? Esse disco duplo mostra Zappa "lavando a égua" com solos gravados entre as tours de 1979 e 1984, portanto, como o próprio encarte do disco diz, esse disco não é recomendado às crianças e aos Republicanos.

Uma simples levada bluesy vira um monstro nas mãos de Zappa, como na emocionante faixa de abertura "Sexual Harassment in the Workplace", gravada inclusive com a Fender Strato que era de Jimi Hendrix. Aliás, vale como curiosidade – nessa fase Zappa usava muito mais a Fender Stratocaster, deixando um pouco de lado sua Gibson SG. Que tal uma mistura de Iron Butterfly com Stravinsky? Pois é, o cara batizou esse coquetel de "In-A-Gadda-Stravinsky". No final de "When No One Was No One", a guitarra parece um jet sky com motor de Maverick V8 querendo pegar no tranco, o que já contrasta bastante com o maravilhoso timbre do instrumento em "Were We Ever Really Safe In San Antonio".

O Blues volta atacar em "For Duane", mais do que justa homenagem ao guitarrista do Allmann Brothers, morto em 1971. O golpe de misericórdia é dado em "Watermelon in Easter Hay", extraída de um show de 1984, com todo aquele sensacional clima que já aparecia na versão original do disco "Joe's Garage".

É muito legal ouvir a reação da galera, que vibra em vários trechos do disco, provavelmente abismados com as peripécias de Zappa. E olha que solos de guitarra é o que não faltava em suas apresentações, pois ele fazia de cinco a oito solos em cada show.

Tanto nesse "Guitar" como na trilogia "Shut Up...", além dos títulos das músicas serem geniais (tipo "Do Not Try This At Home"), o guitarrista detalha no encarte qual guitarra foi usada em cada um dos temas.

como comprar BOWIE

por Rubens Leme da Costa

Se você tiver que adquirir apenas 10 álbuns, que sejam estes

A pior coisa que algum iniciado em Bowie pode fazer é ouvir coletânea. É extremamente difícil conseguir sintetizar a carreira do homem através de singles, ainda que ele os tenha tido aos montes. Cada disco de Bowie é uma obra fechada, com começo, meio e fim, com todas as sutilezas necessárias para que faça você ouvir cada um deles várias vezes. Não é absurdo chamá-lo de artista conceitual, embora o termo tenha ficado famoso com o rock progressivo. Essa lista de como alguém deve começar a ouvir seus trabalhos, não segue a minha de preferidos. É apenas um guia para começar a treinar seus ouvidos para uma das obras mais inovadoras, ousadas e bonitas. Em 50 anos de história do rock, Bowie é tão fundamental quanto Beatles, Stones, Dylan ou Hendrix, e seus discos, perfeitos caleidoscópios de uma era.

Boa audição.

Hunky Dory (1971)

Bowie já tinha criado a persona Ziggy, mas a gravadora pediu que o deixasse por um tempo na geladeira e fizesse um outro álbum mais "normal". O problema é que "normal" para Bowie não é o normal para os outros mortais. Um disco em que começa a analisar uma América neurótica ("Life On Mars?"), comportamento ("Changes"), além de belíssimas homenagem a seus heróis ("Andy Warhol", "Song for Bob Dylan" e "Queen Bitch", feita para Lou Reed). Como curiosidade: os teclados são pilotados por Rick Wakeman.

The Rise and Fall of Ziggy Stardust and The Spiders from Mars (1972)

Ziggy foi a primeira grande sacada de David e o marco zero do glam rock. Com um personagem futurista, vestuário ofensivo para época e androginia, é difícil imaginar que tenha sido um grande sucesso como realmente foi. Canções inesquecíveis como "Starman", "Lady Stardust", "Moonage Daydream" e "Rock'N' Roll Suicide" fazem de Ziggy um dos mais belos trabalhos perpetuados pelo Homem que caiu na Terra.

Alladin Sane (1973)

Ziggy ainda aparecia nesse disco (pelo menos no visual), um dos discos mais subestimados de sua carreira. Desde a canção-título, com um solo meio free jazz de piano, passando por "Watch That Man", a pesada "Cracked Actor", a linda "Time", além de uma cover dos Stones, "Let's Spend The Night Together", Bowie faz um trocadilho com a lad insane (uma rapaz maluco) e com A Land Insane (sua definição da América). Vale citar ainda as belíssimas "Drive in Saturday" e sua homenagem para o amigo Iggy Pop, "Jean Genie".

PROG IN CONCERT

WWW.PROGINCONCERT.KIT.NET

Yessongs
Genesis Live
Pink Floyd Cover
Jethro Tull Cover
The Central Scrutinizer Band
Steve Morse Cover
Dream Theather Cover
Marillion Cover
Rush Project

Acompanhe em nosso site a programação dos shows das melhores bandas de rock progressivo de São Paulo.

SEBO JOVEM GUARDA

A VANGUARDA EM SEBO

COMPRA - VENDA - TROCA
Pagamos à vista

LP's Rock - Jazz - Clássicos - Jovem Guarda
Bossa Nova - Sertanejo e Raridades

sjguarda@bol.com.br

Atendimento a domicílio

Loja 01: Rua da Moóca, 3401 Loja 02: Rua Pires de Campos, 20
Moóca - São Paulo - SP / Fones: 6604-6729 / 6601-3496

Diamond Dogs (1974)

O disco mais estranho de toda sua carreira. Bowie assumiu as guitarras, os teclados e fez um disco em cima do romance "1984", de George Orwell. Já havia escrito mais de 20 canções quando soube que a viúva do escritor tinha vetado a venda dos direitos para ele, devido à sua postura andrógina. Mesmo assim, fez um trabalho perturbador. Ainda que contenha "Rebel, Rebel", as faixas que grudam são "Rock and Roll With Me", "We Are The Dead", "Sweet Thing/Candidate/Sweet Thing (reprise)" e "1984" Se conseguir chegar até o fim dele e gostar, pode ficar feliz, porque nenhum outro disco o assustará mais

Low/Heroes (1977)

Se tivessem sido lançados como um álbum duplo, ninguém saberia dizer quando começaria um ou terminaria o outro Lançado em plena era do punk, Bowie mostrou para a nova geração qual seria o futuro da música. Não é à toa que Joy Division, Echo &The Bunnymen, Simple Minds e 99% do pop mundial seguiu o mestre Além disso, "Heroes" foi considerada a canção em um ano fundamental para a música. Vale ouvir com carinho as faixas instrumentais dos dois discos.

Young Americans (1975)

Se Ziggy fez a fama, Young Americans sedimentou o nome de Bowie na América. Sua viagem ao mundo da soul music rendeu clássicos inigualáveis como a já famosa "Fame", em parceria com John Lennon, além da clássica canção-título e uma arrepiante versão de "Across The Universe", dos Beatles.

Lodger (1979)

Sempre quando alguém se refere aos trabalhos com Brian Eno, "Low" e "Heroes" são os mais lembrados. Em função disso, acabam falando pouco de "Lodger", uma verdadeira usina de idéias. Os dois primeiros foram feitos sob forte depressão por causa da abstinência de cocaína que Bowie tentava curar. "Lodger" é um disco excitante e inovador, misturando ritmos orientais com sua inconfundível classe, além de uma penca de hits como "DJ", "Boys Keep Swinging", "Look Back in Anger". Para promover "Boys Keep Swinging", Bowie fez um vídeo travestido de Marlene Dietrich. Um clássico absoluto.

Station to Station (1976)

Meu disco favorito do homem, e em minha modesta opinião, o melhor trabalho da década de 70. Bowie continua sua peregrinação aos ritmos negros, mas monta seu personagem mais polêmico, o "Thin White Duke". Mergulhado na cocaína e na paranóia, está cantando melhor do que nunca, com músicos afiadíssimos. "Golden Years" (composta para Elvis Presley), "Word on a Wing" e "Wild Is The Wind" são algumas das melhores interpretações que realizou na vida. O único senão é conter apenas seis músicas. Mas dificilmente teria conseguido fazer algo melhor.

Scary Monsters and Super Creeps (1980)

Para ele, o seu "disco desabafo", quando conseguiu exorcizar alguns fantasmas, como o personagem Major Tom (de "Space Oddity"), que reaparece em "Ashes to Ashes". Um verdadeiro "quem é quem" nos créditos e canções antológicas como a faixa título, "Fashion" (analisa o surgimento do hip-hop no verso "Existe uma nova linguagem que está sendo falada esse ano/Não é muito saborosa, eu nunca tinha ouvido antes/Grite enquanto vocês está dançando no chão), mostrando seu incrível talento para captar novas tendências

Por detrás dos botões

a trajetória de quem fez história por detrás da mesa de som

Quando ouvimos um disco, muitas vezes nem percebemos a importância que um produtor teve naquele produto final. A banda acaba sempre sendo a atração principal, com todas as glórias voltadas para ela. Para tentar ao menos amenizar essa falta de consideração, dedicamos essa seção aos grandes produtores do mundo musical

TOM DOWD

Dowd e seu inseparável cachimbo. No destaque com o amigo Clapton

Dowd era um cara que manjava muito, mas muito mesmo de música. E não manjava apenas música, mas também de eletrônica, física e tudo que pudesse estar relacionado a um estúdio de gravação.

Estudioso nato, Dowd, que também era músico, trabalhou por mais de 25 anos no time de engenheiros de som da Atlantic Records, se tornando um dos nomes mais respeitados em todo o mundo. Num belo dia de 1957, ele apareceu para gravar nos estúdios com uma mesa de oito canais debaixo do braço, uma tecnologia inimaginável até então.

Apesar de ser mais conhecido por seus trabalhos junto as grandes bandas de Rock, Dowd também gravou muita gente do Soul, do Jazz e do R&B, como Ray Charles, Ornette Coleman, Charles Mingus, John Coltrane, o Modern Jazz Quartet, Aretha Franklin e Stan Getz. Ainda nos anos 50 trabalhou como engenheiro de som para os Drifters, os Coasters e os Clovers. Nem Luiz Bonfá escapou; Dowd aparece no disco Amor "The Fabulous Guitar of Luiz", de 1959. Nos anos 60, foram excelentes trabalhos com gente do nível de Dusty Springfield, Sam & Dave e Otis Redding.

Dentre os seus melhores trabalhos está o maravilhoso duplo ao vivo "At Fillmore East" do Allman Brothers Band. O disco é de 1971 e parece que foi gravado semana passada; tamanha a fidelidade e qualidade da gravação. Dowd ajudou para que esse se tornasse um dos maiores "Live Albuns" de todos os tempos.

Depois passou a ser literalmente disputado a tapa por estrelas do Rock como Eric Clapton e Rod Stewart. Com este último, produziu inúmeros discos de sucesso nos anos 70, como "Atlantic Crossing", "Night on the Town" e "FootLoose & Fancy Free".

Clapton conheceu Dowd ainda em 1967, durante as gravações do clássico do Cream – "Disraeli Gears" (que contava com Dowd na engenharia de som).

O trio ainda trabalhou com Dowd em "Wheels of Fire", e nos "Live Cream 1 e 2". A amizade durou muitos anos e Clapton chegou a chamar o produtor de "the ideal recording man" em várias entrevistas.

As bandas "sulistas" da América viam em Dowd um "padrinho", alguém como um pai ou irmão mais velho, que sempre os guiaria pelo melhor caminho. E dá-lhe mais e mais discos com Lynyrd Skynyrd, Black Oak Arkansas, Marshall Tucker Band, Eric Quincy Tate, Wet Willie, Firefall etc. Em 1976 trabalhou com Neil Young e Stephen Stills no disco "Long May You Run".

Continuou trabalhando bastante até os anos 90, quando se acometeu de uma doença respiratória que acabou o levando em 27 de outubro de 2002, aos 77 anos de idade. Em uma de suas últimas declarações, chegou a lamentar a atual situação da música Pop, essencialmente comercial e pasteurizada, bem diferente de tempos atrás ..

10 clássicos com Tom Dowd no staff (como produtor ou engenheiro)

***The Allmann Brothers Band* : "At Fillmore East" (1971)**
***Derek and The Dominos:* Layla and Other Assorted Love Songs... (1970)**
***Cream:* "Disraeli Gears" (1967)**
***Cream:* "Wheels Of Fire" (1968)**
***Lynyrd Skynyrd:* "One More From The Road" (1976)**
***Ramatam:* "Ramatam" (1972)**
***Otis Reding:* "Otis Blue – Otis Redding Sings Soul" (1966)**
***Rod Stewart:* "Foot Loose & Fancy Free" (1977)**
***Dusty Springfield:* "Dust In Memphis" (1969)**
***Black Oak Arkansas:* "High On The Hog" (1973)**

Barraca do Diaz
LP's
Raridades do mundo da música
Rock anos 60 e 70 - Bossa Nova
Soul Music - MPB - Jazz Rock etc
Compra - Venda - Troca
Todos os sábados
das 09:00 às 18:00 hs
Pça. Benedito Calixto
(rua dos discos) - Pinheiros
(entre a Cardeal e a Teodoro)
São Paulo - SP

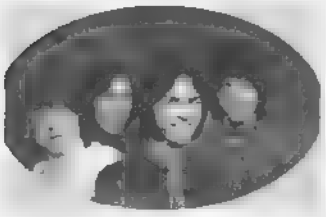
VENTANIA
www.ventania.com.br
LP's - CD's - DVD's
Livros e Revistas
COMPRA e VENDA
Rua 24 de Maio, 188 - 1ª sobreloja
Conjuntos 113/115/117 - São Paulo - SP
Fone: (11) 222-6273 - Fax. (11) 223-6734

METAL
www.metalcd.com.br
metalcds@terra.com.br
CD's - DVD's - LP's
VHS - CAMISETAS
Fone: (11) 4994-7565
Fax: (11) 4436-5500
Atendemos pelo correio para todo o país
Rua Dona Elisa Fláquer, 104
Centro - Santo André - SP

São bandas que tiveram um ou dois hits no máximo. Porém, são hits imortais que até hoje emocionam não só quem viveu a época

Edison Lighthouse

Love Grows (Where My Rosemary Goes) - março de 1970



O Edison Lighthouse nada mais era do que a união de dois produtores e compositores de muito talento – Tony McCauley e Barry Mason. A dupla também tocava no grupo Greenfield Hammer, que na verdade não estava dando os frutos comerciais que a dupla tanto almejava. Passaram então a idealizar um hit certeiro, algo que realmente fosse de encontro aos topos das paradas. Como muitos produtores faziam na época, contrataram Tony Burrows, um vocalista boa pinta, perfeito galãzinho britânico, e formaram uma nova banda, o "Edison Lighthouse". Burrows era um nome muito requisitado nos estúdios ingleses, trabalhava como "session man", e conseguiu um mérito, emplacou 4 hits simultâneos no início de 1970, e o mais impressionante, com bandas diferentes. Além de "Love Grows" as outras eram: "My Baby Loves Lovin" com White Plains, "United We Stand", do Brotherhood of Man, e "Gimme Dat Ding", com The Pipkins.

"Love Grows (Where My Rosemary Goes)" foi sucesso em rádios AM de todo o mundo. Melodia que grudava logo de cara, esmerados arranjos de cordas, enfim, uma composição perfeita. Logo após esse único estouro, Burrows seguiu sua carreira como "vocalista contratado". Já McCauley mudou completamente a formação do Edison Lighthouse, nunca mais conseguindo sequer uma fagulha daquela explosão que foi "Love Grows".

Onde achar: The Best of Edison Lighthouse - Love Grows (Repertoire) 2001

The Box Tops

The Letter - setembro de 1967

Aqui começou a saga de Alex Chilton, um dos heróis mais cultuados da cena musical norte-americana.

No Box Tops, Alex (com apenas 16 anos de idade) criava uma mescla de nuances Pop e climas psicodélicos.

Começaram a banda com o nome de The Devilles e faziam "Blue Eyed Soul", sendo considerados a versão yankee do Spencer Davies Group. O fato dos rapazes serem de Memphis ajudava pois a cidade era um dos berços da música negra americana e nada mais curioso do que jovens brancos fazendo Soul.

"The Letter" foi o primeiro single que eles gravaram e foi direto para topo das paradas, ficando quatro semanas na primeira posição. Naquele ano de 1967, "The Letter" ainda seria escolhida pela Billboard como o single mais vendido. Em 1968 o Box Tops ainda emplacou outro hit: "Cry Like A Baby", porém, sem o mesmo impacto e força de "The Letter".

Paralelamente a esse prestígio todo, os garotos sofriam duras críticas pois algumas de suas gravações eram realizadas não com integrantes efetivos da banda, mas com músicos contratados de estúdio, sendo que Chilton era o único que comparecia em todas as sessões.

O grupo era guiado com mão de ferro pelos compositores e produtores Chips Moman e Dan Penn, o que sufocava um pouco a liberdade de Chilton, que segurou o quanto pode, até fevereiro de 1970. O contrato da banda tinha expirado e nenhuma desculpa seria melhor do que essa para acabar com tudo.

Chilton praticamente exausto se manda para o Greenwich Village, reduto de artistas, músicos, poetas e freaks, para pensar no que poderia vir a fazer de sua vida. Aquilo parecia ser demais para ele e resolve voltar a Memphis, onde encontra seu amigo Chris Bell, gerando o embrião para uma banda que mudaria os anos 70 - o Big Star.

Onde achar: The Best Of The Box Tops - Soul Deep (Arista)

Blues Image

Ride Captain Ride - julho de 1970

Esse compacto vendeu mais de um milhão de cópias só na América em 1970. O mentor e principal compositor/guitarrista e vocalista do Blues Image era Mike Pinera que formou o grupo na ensolarada Flórida, no maravilhoso verão de 1966. A banda, que era formada por Manuel Bertamatti (Per), Joe Lala (Bt), Malcolm Jone (Bx) e Frank "Skip" Konte (Tcla) (maioria músicos latinos), logo se mudou para Nova Iorque e depois Los Angeles. Lá decolam um contrato com a Atlantic/Atco Records, que bancou o homônimo primeiro elepe dos rapazes em 1969. Mas o sucesso estava guardado para o próximo álbum, "Open", de 1970, que trazia "Ride Captain Ride". A música começava com um som de órgão meio mórbido e logo florescia uma melodia Pop e uma percussão deliciosamente latina. De quebra, uma letra bem psicodélica - perfeição!

Ainda em 1970, Mike Pinera se mandou para o Iron Butterfly, com quem gravou os excelentes "Live" e "Metamorphosis". Depois formou o Ramatan junto com Mitch Mitchell e ainda tentou reformular o Cactus, com a The New Cactus Band. Lançou alguns discos solo e participou como guitarrista convidado em uma centena de discos. Já o Blues Image lançou ainda um terceiro disco de out-takes (Red White & Blues Image) e depois implodiu. "Skip" Konte foi para o Three Dog Night, e Joe Lala chegou a trabalhar em estúdio com Joe Walsh e também com o Crosby Stills Nash & Young.

Onde achar: Super Hits of the 70's - Have a Nice Day Vol.16

Stealers Wheel

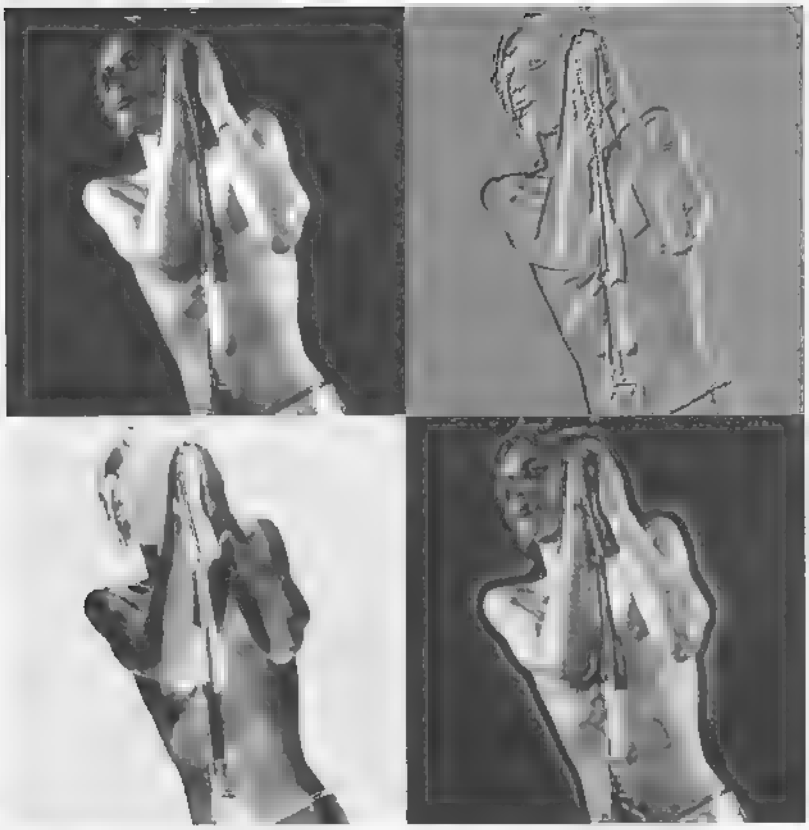
Stuck In The Middle With You - maio de 1973

Na verdade o Stealers Wheel era uma dupla formada por dois "figuras", Gerry Rafferty e Joe Egan. Ambos pareciam mais estar tirando uma com a cara do Crosby Stills & Nash, o que ajudou a serem considerados uma resposta britânica ao supergrupo norte-americano (apesar de Nash ser inglês).

Não demorou muito para pintar um contrato com a A&M, que lançou o primeiro disco deles, chamado apenas "Stealers Wheel", em 1972. Agora a formação se estabilizava como uma banda mesmo, acrescidos de Paul Pilnick (Gt), Tony Williams (Bx) e Rod Coombes (Bt) (que já tinha tocado com o Juicy Lucy). Para espanto de todos, o disco vinha sendo um fiasco comercial, o que causou até a saída de Rafferty da banda. Luther Grosvenor que vinha do Spooky Tooth assumiu o posto e saiu em turnê com o Stealers em 1973. Repentinamente, o disco de estréia começou a vender, tudo isso graças a uma canção sacana, que constava justamente nesse primeiro álbum – "Stuck In The Middle With You". Lançam então o compacto da canção, que ultrapassou facilmente a marca de 1 milhão de cópias vendidas. Resultado: sucesso não só nas paradas norte-americanas e inglesas, mas também aqui no Brasil, onde o compacto também era um frisson na época. Os empresários da banda desesperados com aquilo tudo, convencem Rafferty a voltar para o grupo (que, digamos de passagem, convite esse aceito imediatamente). Desse ponto em diante, Rafferty e Egan assumem o comando dispensando todo o resto do time, caracterizando o Stealers Wheel como uma dupla que trabalhava com músicos contratados tanto em estúdio como ao vivo. Lançaram mais um par de discos e nunca mais superaram o sucesso de "Stuck", o que culminou com o fim da banda, fato esse que gerou ainda uma série de brigas e processos entre Rafferty, Egan e os empresários.

Egan e Rafferty partem para carreiras individuais, com Rafferty se saindo melhor ao gravar seu primeiro disco solo em 1978, "City to City", que continha "Baker Street", outro hit no mundo inteiro.

Onde achar: The Very Best of Stealers Wheel (A&M) 1995



Por outro lado, Iggy se afundava nas drogas pesadas e ficava literalmente bundando pela cidade; sendo sempre "recolhido" da sarjeta por algum amigo. Um desses amigos foi Steve Paul, então empresário de Johnny Winter e Rick Derringer, que convenceu Iggy a se mudar para Nova Iorque. Lá Steve daria "casa, comida e roupa lavada" ao amigo, e até pressionaria bastante Iggy a formar um novo grupo com Rick Derringer, o que obviamente não vingou devido a gritante incompatibilidade de estilos musicais e de vida também. Nessa época Iggy era da turma de Steve e de Danny Fields, uma lenda novaiorquina, responsável pelo descobrimento dos Stooges em 1968, quando era uma espécie de "caça-talentos" da Elektra. A turma não saia do Max's Kansas City, uma mistura de boteco e casa de espetáculos, onde desfilavam músicos, artistas, traficantes, drag queens e outros.

Um belo dia, David Bowie e seu empresário Tony DeFries apareceram no Max's e toparam com Iggy. Bowie já era fissurado em Iggy desde os primeiros dias dos Stooges, e naquela noite rolou o convite para Iggy integrar o cast da Mainman, de propriedade de Bowie e DeFries. O convite foi aceito imediatamente, e Bowie já sugeriu que Iggy formasse um novo grupo na Inglaterra, com Edgard Broughton e o World War 3. Iggy descartou a idéia logo de cara e disse que só iria para Londres se pudesse levar consigo um guitarrista - James Williamson, seu fiel escudeiro na época. Chegando na Inglaterra a dupla não conseguia se sentir à vontade com músicos ingleses. Para a nova banda, foram cogitados alguns integrantes da banda de Bowie (então com os exímios "Spiders From Mars"), do Mott the Hoople, e até Twink – o lendário baterista do Pink Fairies. Nada parecia agradar a dupla, até que Williamson sugere que os irmãos Ashton passem

30 anos de crueza sonora !

e a trilha sonora para o fim do mundo continua a mesma

Para começar a falar algo sobre esse disco, é preciso repetir um clichê a respeito de Raw Power – "a trilha sonora do fim do mundo". Passados 30 anos, o mundo continua aí, mas se ele resolver acabar agora mesmo, ou algum dia, a trilha perfeita será Raw Power.

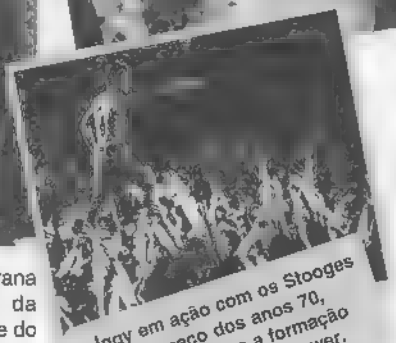
Os Stooges tinham lançado dois álbuns até então – "the Stooges" de 1969, e "Fun House" de 1970, ambos pela Elektra, que apesar de ter em seu cast da época, artistas e bandas "doidonas" como Jim Morrisom e os Doors, Arthur Lee e o Love e também Rob Tyner, Wayne Kramer e os MC5; nada se comparava a trupe demente de Iggy Pop.

Como os Stooges não vendiam nem um terço do que os Doors vendiam, e a dor de cabeça era sempre infinitamente superior aos lucros, a Elektra chutou os Stooges em meados do ano de 1972. Outro motivo foi os insanos ensaios que os chefões da gravadora presenciavam para um possível terceiro disco dos rapazes. Iggy resolve acabar com tudo e os irmãos Ron e Scott Ashton (respectivamente guitarrista e baterista dos Stooges) ficam furiosos. Eles até chegaram ao cúmulo de fazer um show chamado "A Noite em que você poderá ser Iggy Pop", onde eles iam "testando calouros" da platéia, todos com ambições de se tornarem o novo Iggy!

a integrar o grupo, sendo que Ron assumiria o baixo, já que o próprio Williamson cuidaria das guitarras. A banda agora é rebatizada de Iggy and the Stooges, como declarou Iggy na época: "As pessoas sempre estiveram mais interessadas em mim. Ninguém ligava para aquela banda horrível! Aqueles caras não conseguiam nem montar um aquário sem eu estar por perto".

O grupo se trancou numa casa nos arredores de Londres e passou a ensaiar por dias a fio, gravavam demos e praticavam bastante. Dessas sessões, vários temas não foram aproveitados em Raw Power, como "I Got A Right", "I'm Sick Of You", "Scene of the Crime" e "Tight Pants". Uma paródica versão de "Search and Destroy" também emergiu daquelas sessões e foi o primeiro tema a ser mostrado para o empresário Tony DeFries, que odiou a canção e chegou até a declarar que aquilo não era música, negando-se a lançar aquilo num álbum. Nesse ponto, podemos perceber como foi importante a presença de Bowie na ocasião, pois ele convenceu DeFries a deixar Iggy fazer o que lhe fosse conveniente nessa pré-produção do terceiro disco dos Stooges.

Insanidade total – the Stooges Live



Iggy em ação com os Stooges no começo dos anos 70, e em destaque a formação que gravou Raw Power.

Muita droga, confusão e grana rolavam nos escritórios da Mainman. As tours de Bowie, e do Mott the Hoople rendiam fortunas, assim como adiantamentos da CBS para a gravação do novo disco de Iggy, que literalmente torrava toda a grana com drogas e farra, ao invés de aplicar na gravação do álbum.

A coisa chegou a tal ponto, que Iggy e os Stooges entraram em estúdio para fazer Raw Power, e durante os 12 dias em que rolaram as gravações, nem Bowie, nem DeFries e ninguém da Mainman sequer deu as caras para ver o que estava rolando. Melhor para Iggy, que poderia gerar seu mais insano filho sem pressão alguma.

Iggy chegou a confessar que apesar daquela loucura toda, durante as gravações ele se concentrou ao máximo no que fazia, chegando inclusive a proibir a presença de namoradas, traficantes e outras "influências" no estúdio. Eram Iggy, os Stooges, as drogas e as bebidas somente, essa foi a receita de Raw Power.

Musicalmente falando, Raw Power era o maior caos sonoro já produzido por uma banda em estúdio. Em plenos anos dourados do Rock Progressivo, onde o mundo babava em Yes, ELP e Pink Floyd, no underground e no submundo podre dos Stooges, a música era muito mais excitante e verdadeira a quem quisesse ouvir. O Glam Rock também era febre na Inglaterra, mas os Stooges preferiam sangue ao invés da purpurina. "Search and Destroy" é a maior abertura de disco de todos os tempos; composta de pura adrenalina deliciosamente perigosa. A inspiração veio de uma coluna da revista Time, que declarava os horrores da guerra do Vietnã – Iggy escreveu a letra enquanto injetava heroína e lia a matéria. "Gimme Danger" trazia alguma influência de Doors em suas linhas mórbidas. Era uma ode de Iggy aos perigos e aventuras de se levar uma vida bissexual. "You Pretty Face is Going to Hell" além de ser um belo título, ainda era um visceral drive levado a cabo pela voz detonada de Iggy. A próxima faixa é a assustadora "Penetration", que foi a primeira composição de Iggy com James Williamson; aliás, a dupla compôs sozinha; todas as faixas de Raw Power. A faixa título começa com um belo arroto de Iggy, e o que vem depois é Rock cru, básico e bruto o tempo inteiro. "I Need Somebody" pode ser considerada a balada do álbum (junto com "Gimme Danger") e é um Blues à moda Stooges. O clima é mantido com a xuleira (no bom sentido) levada de "Shake Appeal", e o disco se encerra com "Death Trip", a conclusão de um amaldiçoado disco, que já nasceu fadado ao fracasso, mas que seria elevado a obra prima suprema do Rock anos depois. Com o final das gravações, a banda estava completamente exausta. Num curtíssimo espaço de tempo eles escreveram, conceberam, ensaiaram e gravaram as oito faixas do disco. Iggy resumiu bem o espírito da época: "Eu sabia que seria amaldiçoado por lançar algo como Raw Power. Eu sabia que ninguém ia promover o disco, ninguém ia tocá-lo no rádio, e sabia também que muita gente ia odiar o disco mas por outro lado, eu estava completamente convencido de aquela era a melhor música que eu poderia fazer".

Desde o início, Bowie queria produzir o disco, mas Iggy deu um chega pra lá no inglês, pois queria ter total controle sobre a obra. Ele passou a cuidar da mixagem e a fez de forma bem amadora e crua. DeFries caiu de costa quando ouviu o trabalho final, e resolveu mandar Iggy para Hollywood. Logo depois, Bowie também vai para Hollywood e convence Iggy a remixar o disco, pois a CBS se recusava a lançar o disco daquela maneira. Iggy já cansado de tudo aquilo, ainda mais corrompido pelos excessos de Hollywood, topa fazer uma nova mixagem, meio que num esquema "ou vai ou racha".

Iggy, Bowie e seu guarda-costas Stewie se trancam no velho e barato Western Studios para em um único dia remixarem o disco inteiro. Iggy na época criticou bastante o estúdio, dizendo que a mesa de som era tão velha que deveria ter sido usada pelo Elvis no início de sua carreira. Quanto à arte da capa Iggy declarou: "A capa foi imposta contra a minha vontade, eu a odiei. Eles nem me mostraram a capa antes do disco sair".

Com tanta loucura acontecendo junto, o disco acabou saindo do jeito que saiu. Graças a Deus!

Diferentes versões dessa catástrofe sonora

LP originalmente lançado em 1973 pela Columbia Mixagem de Bowie e Iggy

Do jeitinho que ele veio ao mundo. Deguste dessa saborosa obra amaldiçoada 30 anos atrás, em sua total plenitude esporrenta e visceral.

Primeira edição em CD pela Columbia em 1990

Completamente dispensável. Se você quiser a mixagem original de Bowie/Iggy, corra atrás do LP (raríssimo), já que o som dele é infinitamente superior a essa porca edição. Nada de informações, nada de graves, baixo inexistente, som enterrado e irritantemente agudo/metalizado. Ao contrário do que muita gente pensa esta edição não é totalmente fiel ao LP. Basta conferir a ausência do arroto que Iggy dá antes da faixa "Raw Power", que reaparece na nova versão remixada pelo próprio.

Segunda edição em CD, remasterizada e remixada por Iggy Pop. Lançada pela Columbia/Legacy em 1997

Essa edição deu o que falar, e as opiniões dos fãs e críticos diferem em vários aspectos. Foi elaborada para ser a "versão definitiva" do álbum, já que foi remixada pelo próprio Iggy, se não fossem levadas em consideração algumas "cositas":

Está certo que o baixo e os graves eram completamente inaudíveis naquela primeira edição em CD, mas Iggy exagerou nos graves nessa remixagem. Outras mancadas podem ser ouvidas logo no início de "Penetration", onde Iggy aumenta o som do Time Cube (uma inovação para a época, que foi mostrada aos rapazes via Bowie). O aparelho soava como "sininhos" angelicais cheios de eco. Em "Gimme Danger" essa sonoridade também vem à tona. Na versão mixada por Bowie, esses efeitos são bem mais discretos e quase imperceptíveis no meio da maçaroca sônica que o grupo disparava. O final de "Gimme Danger" também está diferente, com Iggy "terminando" sua parte vocal, já que na versão original, sua voz era limada através de um fade out. Em "Death Trip" – faixa que encerra o disco – essa nova versão também traz um final diferente, com James Williamson voltando a fazer o riff inicial bem no finalzinho do tema. Na versão anterior o fade voltava a atacar novamente e ia abaixando o volume da banda.

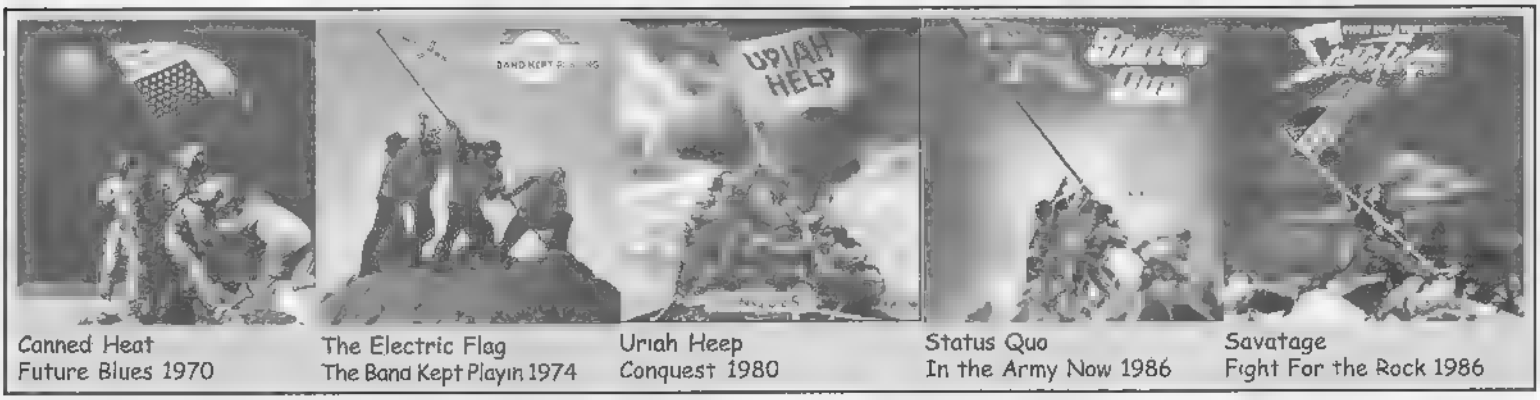
No lado gráfico, um capricho todo especial foi dado ao relançamento. Libreto de 19 páginas, retauração da arte original do LP, fotos raras e inéditas e uma entrevista elucidativa com Iggy.

######### Conclusão ##################################
O mais recomendável é a aquisição do LP original de 1973 e do CD com mixagem do próprio Iggy Pop. Assim você terá as duas mixagens, disponíveis com o melhor desempenho que cada formato pode oferecer.

COINCIDÊNCIAS ESTÉTICAS

Doobie Brothers ? Allman Brothers ? Não. Araújo Brothers : Jeferson Araújo Pereira e Bento Araújo.

Vamos começar do início. No início, o planeta Terra era uma grande bola de fogo. Depois surgiram os dinossauros, o Homem, a imprensa, o telefone e, infelizmente, os discos de pagode ! Num bate papo telefônico, os Araújo Brothers decidiram que havia chegado o momento de apresentarem as coincidências estéticas que envolvem algumas capas de discos. Selecionaram capas que são idênticas, " mais ou menos idênticas", e também algumas ilustrações e fotos que têm em comum a mesma idéia.



Canned Heat
Future Blues 1970

The Electric Flag
The Band Kept Playin 1974

Uriah Heep
Conquest 1980

Status Quo
In the Army Now 1986

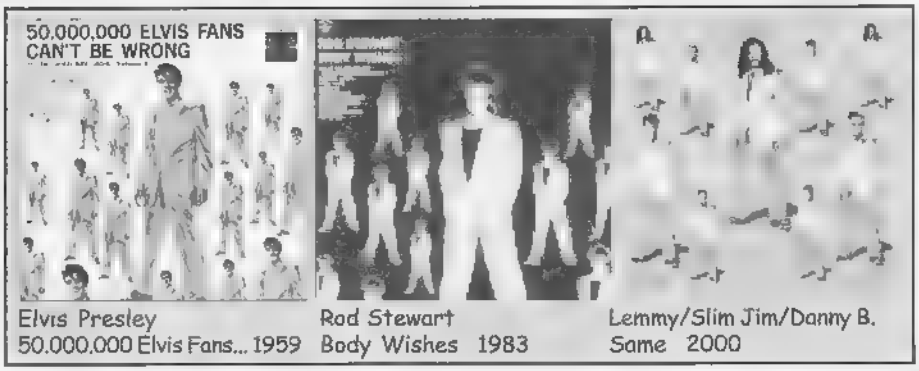
Savatage
Fight For the Rock 1986

The Beatles
A Hard Day's Night 1964

Jeff Beck Group
Jeff Beck Group 1972

Grand Funk Railroad
Caught in the Act 1975

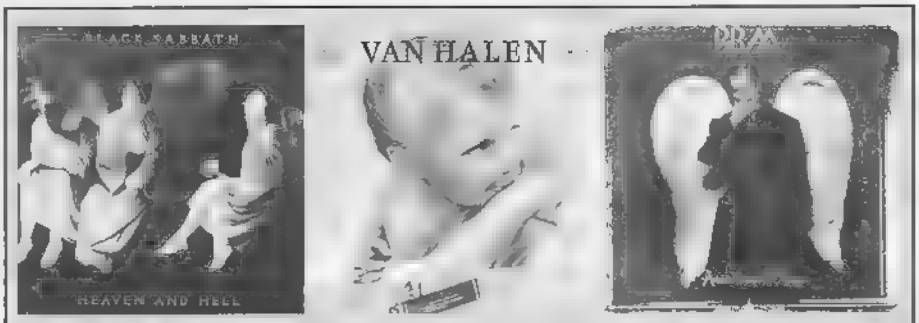
Deep Purple
In Concert 1980



Elvis Presley
50.000.000 Elvis Fans... 1959

Rod Stewart
Body Wishes 1983

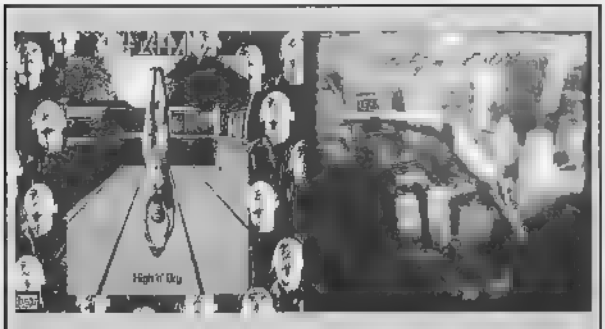
Lemmy/Slim Jim/Danny B.
Same 2000



Black Sabbath
Heaven And Hell 1980

Van Halen
1984 1984

BBM
Around The Next Dream 1994



Def Leppard
High N' Dry 1981

Deep Purple
Abandon 1998

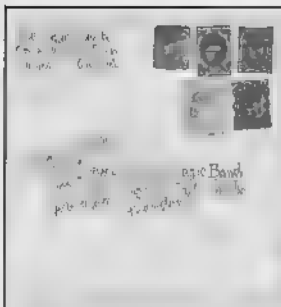
Aerosmith
Draw The Line 1978

Rainbow
Long Live Rock N' Roll 1978

Metallica
Cliff 'Em All (VHS) 1987

Kiss
Destroyer 1976

Manowar
Fighting the World 1987

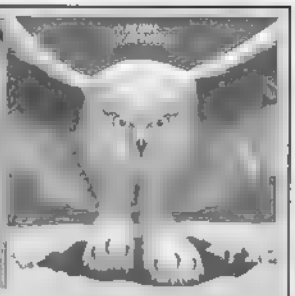


Captain Beefheart
Strictly Personal 1968

Humble Pie
As Safe As Yesterday Is 1969

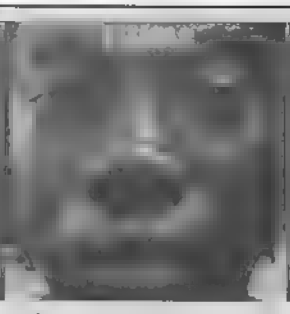
Free
Free Live! 1971

Brainchild
Healing of the Lunatic Owl 1970



Rush
Fly By Night 1975

Jimi Hendrix
War Heroes 1972

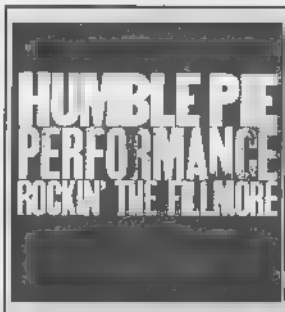


Milton Nascimento
Minas 1975

Miles Davis
Tutu 1986

Violeta de Outono
Mulher da Montanha 1999

Al Di Meola
Flesh On Flesh 2002



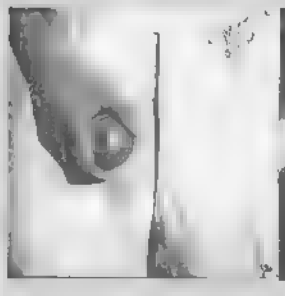
Humble Pie
Performance... 1971

Bad Company
Bad Co. 1974

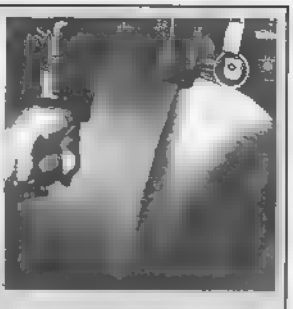
Jeff Beck
There and Back 1980

Sun Ra
It's After the End of The World 1970

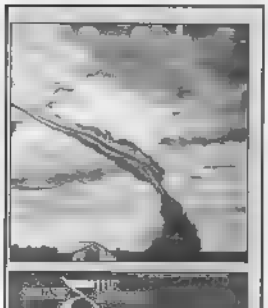
Dead Can Dance
Aion 1990



Wishbone Ash
There's The Rub 1974

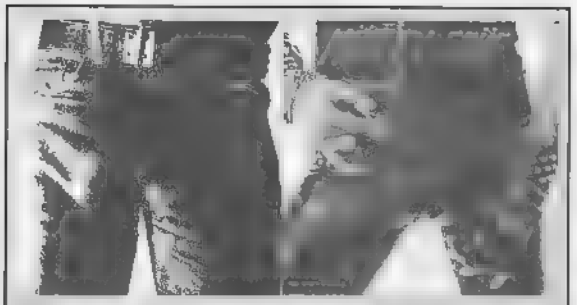


Accept
Balls To The Wall 1983



Deep Purple
Stormbringer 1974

Siouxie and the Banshees
TinderBox 1986



Rolling Stones
Sticky Fingers 1971

Motley Crue
Too Fast For Love 1981

Frank Zappa
Apostrophe (') 1974

Benito Di Paula
Série Para Sempre 2001

Wishbone Ash

A escola Britânica que ensinou como se duelar com guitarras

Quem tem um pouco mais de idade e de sorte, provavelmente assistiu ao show "Night of The Guitar" que aconteceu em São Paulo e no Rio em 1989. Na "perna" brasileira da tour, além de Leslie West e Jan Akkerman, estavam presentes os quatro integrantes originais do Wishbone Ash – Steve Upton, Martin Turner, e a genial dupla de guitarristas Andy Powell e Ted Turner. Desses, na atual passagem pelo Brasil, apenas o guitarrista Andy Powell esteve presente – o que não é desculpa para deixar-mos de passar a limpo a genial carreira desse grandioso grupo britânico que criou uma verdadeira escola de bandas com duelos de guitarra.

a origem de um estilo

Para analisarmos a trajetória do Wishbone Ash, é necessário voltar ao ano de 1963, em Torquay, no interior da Inglaterra.

Um jovem chamado Martin Turner começou a tocar guitarra aos 14 anos de idade e, para aprimorar seu conhecimento musical, resolveu cantar no coral da igreja local. O irmão de Martin, Glenn Turner, também se interessa pela guitarra elétrica e de forma bem rápida, montam sua primeira banda, The Torinoes.

Os garotos eram loucos pela música de Chuck Berry, Little Richard, Ray Charles e também do rock instrumental dos Shadows. Aos poucos foram conquistando uma certa audiência nos pubs da região Oeste da Inglaterra. O então baterista deles, chamado Adrian Smith (homônimo do exímio guitarrista do Maiden), resolve abandonar o barco. Para sorte dos irmãos Turner, aparece o baterista Steve Upton, que já era figura carimbada no circuito de pubs ingleses e alemães de rock. Com esta nova formação, resolvem mudar o nome do grupo para "The Empty Vessels"

O Empty Vessels tocou exaustivamente na região por quase três anos consecutivos. Como tamanho esforço não tinha dado em absolutamente nada, em 1969 os três jovens resolvem traçar algumas drásticas mudanças para alimentar aquele antigo sonho de formar um grande grupo de reconhecimento internacional. O primeiro passo foi mudar o nome para Tanglewood, e já que eles queriam se profissionalizar, a solução era sair daquela cidade o mais rápido possível. Logo no início daquele ano fixam residência em Londres. Glenn não segura a onda e abandona o grupo e o seu irmão Martin, voltando para sua cidade natal, Torquay

Martin (agora convertido ao baixo) e Upton colocam um anúncio na Melody Maker que era mais ou menos assim: "Procura-se Guitarrista Solo com pensamento positivo, criativo e que seja bastante sociável, para integrar um grande grupo com um grande futuro pela frente". O intuito original da dupla remanescente era primeiro conseguir um bom guitarrista, para depois partir a "caça" de um tecladista. Como o destino é certeiro, aparecem para audição de guitarra dois jovens, Andy Powell e David "Ted" Turner (nenhum parentesco com Martin). Cada um dos músicos fez o seu teste, deixando Martin e Upton num dilema mortal:

Qual seria a melhor escolha?

Tiveram uma idéia que com certeza mudou os rumos daquele novo e promissor grupo que estava se formando. Resolvem marcar um ensaio com os dois guitarristas juntos, do qual apenas um sairia com o cargo.

Para a surpresa de todos, Andy e Ted não ficaram querendo aparecer um mais do que o outro, mas juntos criaram logo de cara uma harmonia perfeita entre as guitarras, uma melodiosa e genuína característica, na verdade, a principal marca registrada da banda, as guitarras gêmeas.

O entrosamento foi perfeito e depois daquele ensaio, ambos foram contratados e a idéia de chamar um tecladista foi descartada de lado. Era preciso também um novo nome para a banda e Martin sugere *Wishbone Ash*, que na verdade era a junção de dois possíveis nomes tirados de listas com sugestões para nomes de grupos de rock. Andy Powell relembra: "Nós queríamos um nome que não nos remetesse a um estilo em particular. Criamos duas listas com possíveis nomes. De uma lista veio o Wishbone, e da outra o Ash. Na verdade é algo que simplesmente soou bem, mais importante do que o significado real do nome".

estreiando

O primeiro show do Wishbone Ash aconteceu em 10 de novembro de 1969, como banda de abertura para o Aynsley Dunbar's Retaliation, para um público de 500 pessoas no Dunstable Civic Hall. O cachê foi de miseras 5 libras. Continuam abrindo shows para alguns dos grandes nomes do Rock Britânico - Slade, Mott the Hoople, Taste, Caravan, e Smile (um pré-Queen)

Mesmo passando por dificuldades financeiras, os rapazes não desistem e começam a investir fundo em suas próprias composições, como relembra Andy Powell "Era de suma importância que cada banda criasse sua própria sonoridade nesses tempos. O final dos anos 60 foi um período mágico e de muita inspiração, tinha muita coisa de blues acontecendo nos clubes, como o Fleetwood Mac e os Pretty Things. O lance era expandir a imaginação"

Em maio de 1970, as coisas começam a mudar. Naquele mesmo Dunstable Civic Hall, a banda abre para o Deep Purple. Além de uma maior aceitação por parte do público, Andy Powell chegou a fazer uma Jam com Ritchie Blackmore durante a passagem de som. Ritchie gostou tanto, que indicou a banda para o produtor do Purple, Derek Lawrence. Foi através dele que o Wishbone Ash fechou o contrato com a Decca norte-americana. Na Europa a MCA lançaria a banda. Martin Turner explica mais sobre aquela Jam: "Durante a passagem de som, Andy estava tocando sua guitarra quando Ritchie subiu no palco e começou a tocar. Logo os dois estavam conversando com suas guitarras, e a coisa foi pegando fogo. Ritchie não dirigiu uma palavra sequer a nós, mas falou bem da gente para Derek, que estava querendo gravar bandas novas. Ele entrou em contato conosco, entregamos nossa demo a ele, e logo ela estaria nas mãos do pessoal da MCA"

A homônima estréia da banda foi lançada em dezembro daquele ano e consistia basicamente em material que eles vinham apresentando ao vivo, ou seja, números redondos, e muito bem ensaiados. O produtor era o próprio Derek Lawrence, que estava bem satisfeito com sua nova descoberta (dele ou de Blackmore?). Musicalmente, a banda já começava a arrancar elogios por sua sonoridade ao mesmo tempo agressiva e melódica, alternando guitarras afiadas com belas melodias folk inglesas. O tecladista do Procol Harum, Matthew Fisher, participa do disco tocando piano na faixa "Blind Eye", que por coincidência foi o primeiro single do grupo, lançado em fevereiro de 1971. John Peel (aquele apresentador da BBC Radio) chegou a declarar na época: "Fazia um certo tempo que eu não me impressionava tanto com uma banda nova. A música deles é original, excitante, e muito bem executada". Por outro lado, muitos críticos ma haram bastante a estréia, principalmente os vocais de Ted e Martin, como Ted assumiu: "Depois que eu ouvi minha voz no rádio pela primeira vez, eu passei a insistir com que os outros integrantes assumissem os vocais". Apesar de tantas incertezas, o grupo faz sua estréia na TV inglesa, tocando "Queen of Torture" e "Errors of my Way", ao vivo no programa "Disco 2", da BBCTV

Ao lado uma foto rara do Empty Vessels de 1966. Abaixo, formações distintas do Ash. (No sentido horário) - a formação clássica detonando em 1972 / em 1976 com Laurie Wisefield/ em 1981 com Trevor Bolder e Claire Hamill / a volta da formação clássica numa foto de 1989

O sensacional Poster que acompanhava a primeira prensagem inglesa do LP "Wishbone Four" de 1973

Em fevereiro de 1971, eles partem para sete semanas de shows pela América. Quando voltam para Londres, começam a gravar seu segundo disco, enquanto que Ted participa de algumas sessões do disco "Imagine" de John Lennon. Um breque nas gravações para uma bem sucedida turnê britânica, logo seguida de mais seis semanas pelos EUA, desta vez abrindo shows para o Black Sabbath, Ten Years After e até para o The Who. Como se não bastasse tanto prestígio, durante essa tour recebem a notícia que em sua terra natal, foram eleitos a "Banda Revelação" por leitores da "Sounds" e da "Melody Maker"

"Pilgrimage" é lançado em setembro, com total destaque para o lado instrumental. Já que os vocais foram malhados, eles que ficassem em segundo plano! E foi exatamente isso que eles fizeram. As influências jazzísticas estão cada vez maiores, e o Blues, o Folk e até o Boogie também marcam presença no disco. Para a crítica, eles eram considerados uma banda com excelentes músicos, mas que ainda não havia encontrado seu caminho, além de precisarem tomar algumas aulas de canto...

tempos de glórias

Faltava um disco ainda a ser feito. Um disco que marcasse definitivamente o estilo do Wishbone Ash. E este veio com o nome de "Argus", lançado em abril de 1972. O visual do álbum e as letras eram diferentes. Uma mescla de ficção científica com contos medievais era apresentada. Musicalmente eles estavam mais afiados do que nunca, e o álbum é um primor do começo ao fim. Nele figuram temas como "Warrior", "The King Will Come", "Blowin' Free", "Throw Down the Sword", músicas que até hoje marcam presença no repertório dos shows do grupo. Agora a banda esbanjava algo que nos discos anteriores foi cobrado: o senso de direção. Foi como se de uma hora para outra, eles soubessem exatamente o que queriam, e toda essa segurança está em "Argus". O que também impressionava, e muito, era o fato deles conseguirem uma sonoridade quase Progressiva, bem viajante e melódica, sem fazer uso de teclados, como faziam 99,9% das bandas progressivas da época. Teclados, só apenas uma pequena participação do tecladista do Renaissance, John Tout, no órgão em "Throw Down the Sword". A relação entre o Wishbone Ash e o Renaissance era bem íntima nessa fase. Era comum fazerem shows juntos nos festivais do verão inglês e a amizade também culminou com a participação de Andy Powell no disco "Ashes Are Burning".

O Folk Rock inglês também marcava presença definitiva no disco. "Eu estava ouvindo muito Pentangle e Fairport Convention nessa época, e isso refletiu em cheio no álbum", assume Andy Powell. Uma verdadeira legião de fãs se formava na Inglaterra, aliás foram eles que elegeram "Argus" o disco do ano de 1972 nas publicações especializadas "Sounds" e "Melody Maker". "Argus" bateu "Machine Head" do Deep Purple e "Thick As a Brick" do Jethro Tull na opinião dos leitores. Nada mau para uma banda com pouco mais de dois anos de estrada.

O auge dos caras era mais do que evidente e a banda ganha uma gigantesca projeção internacional. Na América a banda faz grandes turnês e shows concorridíssimos. Depois de um show em St. Louis, o caminhão com boa parte do equipamento do grupo é roubado na porta do hotel onde os músicos e a equipe estavam hospedados. O jeito é comprar tudo de novo e cair na estrada (com "Argus" a conta bancária dos rapazes aumentou consideravelmente). Uma rádio de Memphis convida a banda para uma apresentação ao vivo em seus estudios para ser transmitida para toda a América. A gravadora americana deles (a Decca) compila três músicas dessa apresentação e prensa um disco promocional limitado para as rádios norte americanas chamado "Live From Memphis". Alguns colecionadores dão a vida por esse mini-álbum hoje em dia.

No começo do ano seguinte (1973), depois de terem atingido a perfeição artística e musical como banda, traçam algumas mudanças para o novo disco. Dispensam o produtor Derek Lawrence (aquele que havia "apadrinhado" o grupo desde o início) e resolvem eles próprios cuidarem da produção. Assim como o Led Zeppelin fez no seu terceiro disco, pegam todo o equipamento e se mandam junto com a equipe de roadies para uma ilha quase deserta no País de Gales. Lá a banda cria seu quarto registro, batizado simplesmente de "Wishbone Four".

Com o enorme sucesso de "Argus", ficou óbvio que a banda estava sufocada pelos holofotes da crítica e dos fãs. Além desse "retiro" para a criação do novo disco, eles passam a primar essencialmente pela simplicidade. Músicas mais simples, arranjos e letras mais diretas. Até a capa do disco agora era bem comum (apenas uma foto do quarteto). Quando todos esperavam uma continuação de "Argus", mais uma vez surpreendem e lançam um grande disco diferente do anterior.

O Rock mais básico marcava presença, como em "No Easy Road", que tinha até uma afiada seção de metais! Metais no Wishbone Ash? Pois é, eles ainda se saíram muito bem nesses experimentos. Ainda soando como "puro estilo Wishbone Ash", o disco trazia as belíssimas "Everybody Needs a Friend", "Ballad of the Beacon" e "Sorrel".

Como toda grande banda dos anos 70, após discos memoráveis, turnês "Sold Out" e reconhecimento internacional, era chegada a hora de um registro dos shows do quarteto. Algum documento que mostrasse na íntegra, toda a técnica, garra e precisão da banda em um palco. E assim "Live Dates" transportou para o LP todas essas características "Wishbonianas".

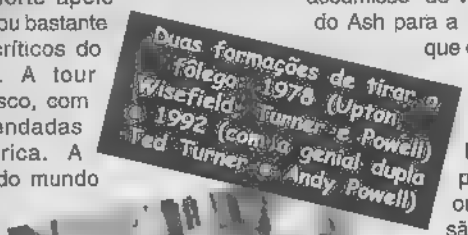
mudanças no time

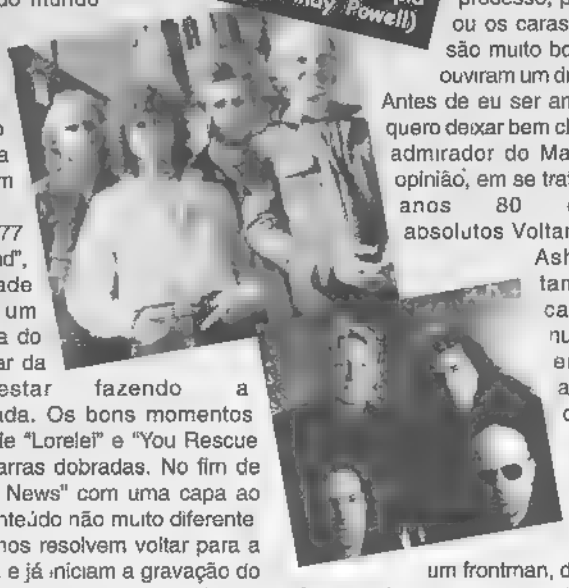
Ted Turner, então com apenas 24 anos, resolve deixar a banda bem no seu auge, ou seja, logo após a Tour de "Live Dates", em fevereiro de 1974. Vejam o que o rapaz tinha a dizer na época: "Musicalmente, estou buscando novos horizontes. Não venho curtindo muito o som que o Ash anda fazendo. Apesar de tudo, ainda nos damos muito bem e quero me tornar um músico de estúdio, além de casar, formar uma família e apenas viver a vida".

Como a situação era irremediável, a banda convoca Laurie Wisefield, que tocava no Home, junto com Cliff Williams, que mais tarde faria parte do AC/DC. Andy Powell estava em Nova Iorque fazendo dois shows com o Renaissance, quando viu Laurie acompanhando Al Stewart (na época ele havia contratado o Home inteiro para acompanha-lo durante sua excursão norte-americana), e ficou impressionado.

Mais do que depressa o novo Wishbone Ash se manda para Miami iniciando as gravações no famoso Criteria Sound Studios, saindo de lá com "There's the Rub", produzido pelo Bill Szymczyk (conhecido produtor norte americano que vinha trabalhando com o Eagles). Apesar da correria, conseguem fazer um grande disco, com ótimos temas como "F.U.B.B.", "Silver Shoes" e "Persephone". Desta vez, além de shows por toda a América e Europa, dão uma esticada até a Oceania, tocando na Austrália e Nova Zelândia. E também se tornam ídolos no Japão. Na América o sucesso era tanto que se mudam em definitivo para lá em 1975, e dá-lhe mais tours costa à costa, rachando o palco com o Aerosmith. Pouco depois se mandam para a Europa, participando da maravilhosa "Startrucking Tour" ao lado do Soft Machine, Caravan, Rory Gallagher, Climax Blues Band e Mahavishnu Orchestra.

No começo de 1976 sai "Locked In" com os rapazes posando em plenas paisagens yankees. O som já estava "americanizado" demais, com um forte apelo comercial, o que irritou bastante os antigos fãs e críticos do velho continente. A tour também foi um fiasco, com poucas datas agendadas apenas na América. A Europa e o resto do mundo foram ignorados.





Esses escassos shows tinham como curiosidade um quinto elemento – o tecladista contratado Graham Maitland.

Na virada de 76/77 lançam "New England", com uma sonoridade mais pesada e um pouco mais próxima do Ash clássico, apesar da América ainda estar fazendo a cabeça da rapaziada. Os bons momentos ficavam por conta de "Lorelei" e "You Rescue Me" com suas guitarras dobradas. No fim de 77 sai "Front Page News" com uma capa ao menos ridícula e conteúdo não muito diferente.

Depois de três anos resolvem voltar para a Inglaterra, em 1978, e já iniciam a gravação do nono disco da carreira. Para a produção convocam Derek Lawrence (aquele mesmo que tinha "lançado" o grupo e produzido os três primeiros discos). Como dá para perceber, o sentimento era de total volta às origens, e é nesse clima que sai "No Smoke Without Fire", com um som mais ao estilo britânico mesmo.

conquistando novos seguidores

A conquista de novos fãs acontece mesmo com o lançamento de "Just Testing", em janeiro de 1980. O álbum trazia uma sonoridade moderna para a época, sem com isso descaracterizar o tradicional duelo de guitarras que sempre foi a marca registrada do grupo. Na Inglaterra explodia a NWOBHM (New Wave Of British Heavy Metal) com bandas como o Saxon, o Iron Maiden, o Def Leppard e muitas outras abusando de duelos de guitarra, bem como o Wishbone Ash fazia nos anos 70. Portanto era natural que a nova geração "assumisse" de vez a influência e importância do Ash para a nova cena. Importância essa que o próprio líder do Iron Maiden, o baixista Steve Harris, fez questão de assumir anos mais tarde. Na verdade ele se livrou de tomar um belo processo, pois das duas uma: ou os caras do Wishbone Ash são muito bonzinhos, ou nunca ouviram um disco do Iron Maiden. Antes de eu ser ameaçado de morte, quero deixar bem claro que sou grande admirador do Maiden, e na minha opinião, em se tratando de Metal nos anos 80 eles reinaram absolutos. Voltando ao Wishbone Ash, para coroar tamanho prestígio, caem na estrada numa concorrida tour em comemoração aos 10 anos de carreira.

No fim daquele ano, a banda resolve que necessita de um vocalista, na verdade um frontman, deixando os demais à vontade nas partes instrumentais e mais elaboradas. Martin Turner era o único que não concordava e, aborrecido, resolve deixar a banda. Com o forte baque sofrido, chamam às pressas o expoente John Wetton (que já tinha trabalhado com o King Crimson, UK, Uriah Heep, Roxy Music e Family).

HALLEY DISCOS
http://www.halleydiscos.com.br
halley@halleydiscos.com.br
Especializada em
Rock Progressivo e Hard-Prog
Remetemos pelo correio para todo o Brasil em pacotes registrados e com seguro
Confiram em nossa Home Page a seção de promoções
Atendemos pela internet
Atualizações semanais
Tel/Fax: (21) 2551-1697
Rua Senador Vergueiro 218, Loja 15, CEP: 22230-001
Flamengo - Rio de Janeiro - RJ

www.nuvemnove.com.br
nuvem nove
CD's - LP's - DVD's
Compra - Venda - Troca
Hard Rock - Progressivo - Metal - Psicodélico - Anos 50, 60 e 70
Fone: 3078-7051
Rua Clodomiro Amazonas, 128 - Itaim Bibi - São Paulo - SP

Para acalmar os ânimos dos fãs, colocam na praça "Live Dates II", gravado entre as tours de 1976-1980. Durante as gravações de "Number the Brave", Wetton recém-contratado, fica injuriado com o fato de suas composições não estarem sendo aproveitadas no disco e resolve partir Para o posto vem Trevor Bolder (ex-Bowie, Uriah Heep) que já sai em tour com a banda Nessa tour efetivam uma vocalista, Claire Hammil, que já havia feito uns vocais de apoio nos LP's "Just Testing" e "Number the Brave". Essa pode ser considerada uma formação relâmpago, pois três meses depois, partem para uma tour pela América como um quarteto, com Powell/Wisefield/Upton/Bolder. Tambem nessa época fazem shows até na Índia, onde são considerados heróis nacionais. Durante o restante dos anos 80, pouca inspiração e muitos discos marcam a trajetória da banda. Talvez o grande entra-e-sai de músicos tenha também colaborado para essa estagnação artística que a banda vinha passando.

voltando com a formação clássica

Em 1987 a formação clássica (Turner/Turner/Powell/Upton) volta a se reunir após 13 anos separados, e lançam um novo disco com esse time, chamado "Nouveau Calls". Para delite dos fãs, a nova tecnologia se unia ao velho estilo em temas como "Real Guitars Have Wings" No ano seguinte, uma tour para matar a saudade dos velhos tempos.

Ted Turner e Andy Powell são uns dos grandes nomes do projeto "Night of the Guitar", que rodou o planeta trazendo sempre grandes nomes do instrumento. Em julho de 1989 tocam no Brasil como parte da tour, e para a nossa sorte, Upton e Martin também comparecem além de participações de Leslie West e Jan Akkerman. Inesquecível!

Ainda com a formação original lançam "Hear to Hear", também em 1989, com muitos elementos "modernosos" e eletrônicos que definitivamente não agradam os fãs. Em 1990 Steve Upton deixa a banda por motivos pessoais e no ano seguinte sai o burocratico "Strange Affair". Pouco depois Powell demite Martin via fone sem muitas explicaçoes, e os desentendimentos voltam a acontecer com os músicos. Em 1994 é a vez de Ted Turner abandonar o barco, alegando diferenças com Powell

começa o entra e sai novamente

O Wishbone Ash parece a "casa da mãe Joana", pois todos entram e saem a hora que bem entendem (ou melhor, a hora que Andy Powel bem entender) Fica até confuso para alguns fãs acompanharem tantas formações diversas, e tenho certeza que em alguns shows dos anos 80 ou 90, nem o Andy Powell sabia o nome de quem estava tocando no mesmo palco que ele.

Em 1997 a gravadora alemã Repertoire lança um luxuoso Box chamado "Distillation", com quatro CD's passando a limpo a trajetória da banda até então. No quesito "vacilo", nada supera o disco "Trance Visionary", de 1998, onde clássicos do Ash aparecem com loops e samples, num disco medonho, nojento e asqueroso de Trance/Dance Music (Eca!)

O pior é que Andy Powell insistiu em sair em tour com um show mezzo eletrônico mezzo tradicional. O bom de tudo isso, foi que a tour não demorou a ser cancelada, pois bastou algumas datas para se perceber que aquilo era uma completa furada. Como meio de remediar aquela babaquice toda, em 1999 sai "Bare Bones" que misturava antigos clássicos no formato acústico, com um par de novas composições. Já em 2000 é a vez de comemorarem os 30 anos de banda, e em 2000 sai "Live Dates 3", mas o último registro de que se tem notícia (ufa!) é "Bonafide de 2002

Nesses shows pelo Brasil, a formação da banda traz apenas Powell como membro original, o que chega a ser algo decepcionante se compararmos esse show com o de 1989. O lance é curtir os discos clássicos e se deliciar com a maravilhosa sonoridade das guitarras "Wishbonianas".

DISCOGRAFIA

Wishbone Ash - 1970
Pilgrimage - 1971
Argus - 1972
Wishbone Four - 1973
Live Dates - 1973
There's the Rub - 1974
Locked In - 1976
New England - 1976
Front Page News - 1977
No Smoke Without Fire - 1978
Live in Tokyo - 1979 (Lançado apenas no japão)
Just Testing - 1980
Live Dates II - 1980
Number the Brave - 1981
Twin Barrels Burnin' - 1982
Hot Ash - 1983
Raw to the Bone - 1984
Nouveau Calls - 1987
Hear to Hear - 1989
Strange Affair - 1991
BBC Radio One In Concert (live 1972) - 1991
The Ash Live in Chicago - 1992
Time Was:The Wishbone Ash Collection - 1993
Classic Ash - 1993
Blowin' Free - 1994
Live In Geneva - 1996
Illuminations - 1996
Live Timeline - 1997
Best of Wishbone Ash -1997
BBC Live -1997
Distillation (4 cd's Box Set) - 1997
Trance Vionary - 1998
Psychic Terrorism - 1998
Outward Bound - 1999
Bare Bones - 1999
Live Dates III - 2000
Bonafide - 2002

Wishbone Ash (1970) ****

Bela estréia dos rapazes, que logo de cara demonstravam uma habilidade sobrenatural para manusear melodias forjadas em guitarras gêmeas. Muitos destaques como a pegada Jazz de "Blind Eye", a levada Hard de "Lady Whiskey", a baladaça bem setentista "Errors of my Way", e "Phoenix" obrigatória em qualquer show da banda. Que a justiça seja feita: além do já elogiadíssimo trabalho de guitarras (Andy Powell e Ted Turner), merece também destaque o trabalho de baixo de Martin Turner e para o estupendo solo de batera de Steve Upton em "Handy" (inspirada no jazzista John Handy).

Pilgrimage (1971) ***1/2

Continuam as influências de Jazz, Blues e R&B, como pode ser conferido logo na abertura com "Vas Dis", uma improvisação recheada de "scat-singin" por parte de Martin. "The Pilgrim" começa com um clima meio a la "Albatross" do Fleetwood Mac dos bons tempos (hail to Mr. Green). Em "Jailbait" a coisa muda um pouco, pois entra em cena o boogie, estilo esse também completamente dominado pelo Ash — o que demonstrava a versatilidade do grupo. O disco encerrava com uma gravação ao vivo, "Where Were You Tomorrow" e seus quase 11 minutos de duração.

Argus (1972) *****

Sem sombra de dúvidas, o melhor disco da carreira do Wishbone Ash. Obra prima do Rock dos anos 70, "Argus" garantiu projeção internacional ao grupo e virou "cartilha" de muita gente do Heavy Metal inglês dos anos 80. "Blowin' Free", "The King Will Come", "Warrior", "Throw Down the Sword" e "Sometime World" emocionam até hoje. Impressionante como a alternância de climas e estilos soavam harmoniosas em demasia durante o disco. Do puro Folk bretão, passando por climas Progressivos (só com guitarras em primeiro plano), até descambar para o Hard Rock com guitarras afiadíssimas. Simplesmente obrigatório!

Wishbone Four (1973) ****1/2

Outra maravilhosa pérola da imensa discografia da banda. Esse aqui funciona mais como uma volta às raízes, já que a simplicidade era o que fazia a cabeça do grupo então. Da capa à temática das letras tudo era cuidadosamente mais comum, com uma marcante intenção em não estar criando um "Argus parte II". Clássicos do nível de "So Many Things To Say", "No Easy Road", "Ballad Of The Bacon" e "Rock N' Roll Widow" marcavam presença de forma imponente e brilhante.

Live Dates (1973) ****

Registro duplo da esplendorosa tour britânica de junho de 1973, com temas gravados ao vivo em Croydon, New Castle, Reading e Portsmouth. A primeira edição do vinil inglês ainda trazia um book de fotos desses concertos, o que infelizmente não foi reproduzido na versão digital. "The King Will Come", "Rock N' Roll Widow", "Jailbait", a inédita cover de Jimmy Reed "Baby What You Want Me To Do" e "Phoenix", estendida em 17 minutos, fazem deste trabalho um perfeito documento daquela disputada tour.

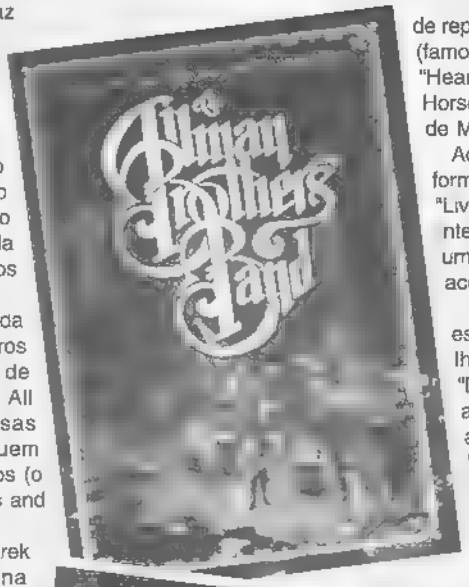
There's The Rub (1974) ***1/2

Esse disco iniciou uma nova fase na carreira da banda, que contava agora com Laurie Wisefield na guitarra, assumindo o posto deixado por Ted Turner. Apesar de sensivelmente mais comerciais, "Silver Shoes", "Persephone", "Lady Jay" e "Hometown" mostravam uma banda ainda com muita vontade e muita munição para queimar. O melhor mesmo ficava para o fim, uma misteriosa faixa instrumental de quase 10 minutos chamada "F.U.B.B.", com guitarras ácidas e ao mesmo tempo melodiosas, para qualquer fã da banda continuar fazendo a festa.

The Allman Brothers Band

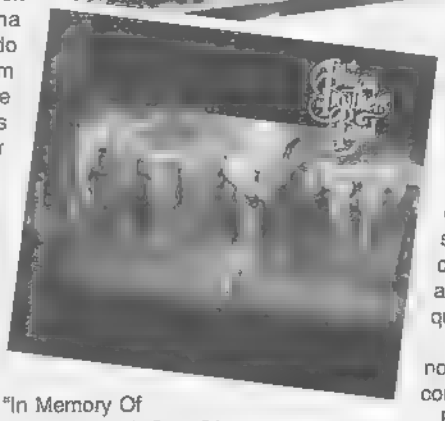
QUALIDADE IMPRESSIONANTE, TANTO EM ESTÚDIO COMO AO VIVO

Prestando um pouco mais de atenção na capa de "Hittin' The Note", é incrível como aquilo tudo faz sentido com a carreira da banda e também com a cena roqueira dos dias de hoje. A capa mostra um garotinho encantado com a beleza de um cogumelo enquanto vários elefantes "marchâm" em sua direção. Mas ele parece não estar nem aí. Esse novo disco do ABB pode ser considerado esse cogumelo, e os elefantes representam tanto a atual situação do mundo da música como o período de turbulência atravessado pela banda recentemente. Moral da estória: mesmo em tempos difíceis é possível fazer um disco maravilhoso.



A morte do baixista Allen Woody, a debandada de Dickey Betts, e até alguns problemas financeiros acompanharam a banda nesses nove anos de ausência dos estúdios (o anterior, "Where It All Begins", é de 1994). Em meio a todas essas adversidades, nossos heróis do Sul conseguem gravar seu melhor disco em pelo menos 30 anos (o último registro desse nível foi o álbum "Brothers and Sisters", de 1973).

As novas contratações foram: o moleque Derek Trucks (sobrinho do batera Butch Trucks) na guitarra e Oteil Burbridge no contra-baixo, dando sangue novo às novas composições. Oteil é um cara muito corajoso por sinal, afinal de contas, ele é o quinto baixista da banda, sendo que três dos anteriores já passaram dessa para uma melhor (Berry Oakley morreu em um acidente de moto, Lamar Williams era um veterano da guerra do Vietnã e veio a falecer de câncer enquanto Allen Woody morreu de um ataque cardíaco).



Atos heróicos é o que não faltam em "Hittin the Note" – cada faixa exala um agradável odor de improvisação e liberdade, como em "Instrumental Illnes", com seus 12 minutos muito bem aventurados nos universos do Jazz e do Rock, chegando até a lembrar maravilhas como "In Memory Of Elizabeth Reed", do antigo repertório dos Allmans. Ouvindo "High Cost Of Low Living", "Maydell" e "Old Friend" dá a sensação de estarmos em pleno início dos anos 70, ou seja, no auge do ABB.

Baladas maravilhosas também marcam presença como "Desdemona" e "Old Before My Time", contrastando com as covers de repertório blueseiro como "Woman Across the River" (famosa com Freddie King, o mestre do blues swingado) "Heart Of Stone" (dos Rolling Stones) e até "Rockin Horse" do Gov't Mule, uma das mais agradáveis crias de Mr. Warren Haynes.

Ao vivo, esse novo material se potencializa de uma forma espantosa, como pode ser visto no DVD duplo "Live At Beacon Theatre" lançado agora no mercado internacional. Nele estão os melhores momentos de uma maratona de shows que o grupo realizou no aconchegante teatro nova-iorquino.

Que entrosamento absurdo! Os caras parecem estar nos melhores dias de suas carreiras. E dá-lhe clássicos – "Statesboro Blues", "Melissa", "Dreams", "Midnight Rider", "Whipping Post", "Come and Go Blues" e "Black Hearted Woman". Até as ausências de clássicos obrigatórios como "Ramblin Man" e "Blue Sky" (que eram cantadas por Betts), parecem não fazer falta, supridas satisfatoriamente pelas excelentes composições do novo disco "Hittin The Note".

Fica evidente também o fato de Warren Haynes ter assumido o cado "mestre de cerimônias" de Betts. A linha de frente agora é formada por Haynes e Greg Allman, que vão alternando os vocais em vários temas, que parceria! Greg continua classudo e elegante como sempre, mandando ver no seu órgão Hammond.

Derek Trucks compensa sua falta de presença de palco com muita competência e bom gosto nos solos, causando uma certa alegria nos seus companheiros mais idosos de banda. O moleque está a altura de todos os outros mestres do instrumento que passaram pela banda.

Pra encerrar, de bônus temos "Old Friend" tocada nos camarins em formato acústico, contando apenas com Haynes e Derek nos violões e slides; impecável.

Fica aqui o meu apelo e o de muitos outros seguidores da banda também: PELO AMOR DE DEUS; PROMOTORES, AGENTES, PICARETAS, GUGU, PADRE MARCELO, QUALQUER UM – TRAGAM O ALLMAN BROTHERS PARA O BRASIL! NÃO PODEMOS FICAR SEM ASSISTIR UM SHOW DESSES!

http://www.aqualung.com.br
e-mail:aqualung@aqualung.com.br
Aqualung
Records LTDA.
Audio e Video
HARD - PROGRESSIVO - JAZZ ROCK
PSICODÉLICO - ROCK 60 E 70
Enviamos para todo o Brasil via correio
Loja 1: Galeria do Rock - Rua 24 de Maio, 62 - Loja 305 - Fone/Fax: (11) 222-0284
Loja 2: EM&T - Andar Térreo - Fone: (11) 5011-8898

STAND UP
www.standup-music.com.br

Progressivo, Hard Rock,
Psicodélico, Jazz, 60's & 70's
Atendemos pelo correio para todo o país
Tel: (11) 3362-1561 / 9126-1127
Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Loja 368
Cep 01041-000 - São Paulo SP

Música que veio do Brasil por Rafael Martinelli

Secos & Molhados

E a barra pesava...O Brasil de 1973 era só repressão.

Sob as fortes restrições às manifestações artísticas impostas pelo governo militar, a nossa música buscava uma linguagem com novos códigos de subversão e os grandes compositores da época a concebiam como um instrumento revolucionário.

A ala mais intelectualizada (encabeçada por Gil, Chico e Caetano) mergulhava em intrincadas concepções poéticas para driblar a censura, cifrando idéias de duplo sentido que pudessem lançar luzes nos porões do regime.

Mas outros palcos traziam opções diferentes, de músicos que mergulhavam no "hippismo" despretensioso, cantando a idéia da vida campestre e estradeira (Sá, Rodrix e Guarabira) ou de artistas que aparentavam inocência e por isso eram ao mesmo tempo, leves e perigosos, como Os Mutantes.

E entre estas ninguém brilhou mais do que os Secos e Molhados. Como se tivessem desembarcado de uma nave espacial, fantasiados e maquiados, o grupo esbanjava teatralidade, sexo e poesia em arrasadoras performances de palco, dando alforria a tantos sentimentos presos na garganta do país.

A despretensão foi a marca dos Secos desde o início. Depois de algum tempo em São Paulo, recém chegado do Mato Grosso, Ney (que nessa época nem acreditava que pudesse se tornar cantor profissional) foi apresentado a João Ricardo, o grande idealizador da banda, e nesse clima se iniciaram os primeiros ensaios, numa garagem.

Aos poucos, a química encontrada foi explosiva, de um lado Ney se revelou um cantor extraordinário, com sua rara voz de contra-tenor e uma atuação de palco de fazer Mick Jagger parecer um padre, enquanto o português João Ricardo era o intelecto.

O grande testamento musical dos Secos e Molhados, foi o seu primeiro e homônimo disco, um verdadeiro caleidoscópio sonoro que misturava fado "O Vira", rock "Mulher barriguda" e músicas com climas etéreos, como "As andorinhas" . Tudo interligado por arranjos de extrema criatividade e bom gosto, com destaque para a música leve, com sua matadora linha de baixo.

Contando ainda com as clássicas "Sangue latino" e "Rosa de Hiroshima", o disco vendeu mais de 800.000 cópias, mesmo tendo sido lançado pela pequena gravadora Continental, elevando os integrantes do grupo à condição de ídolos populares, adorados pela juventude, pelas crianças e senhoras.

Merecem destaque as lindas letras de João Ricardo, refrescadas por um estilo novo, mais leve de conceito e verborragia, valorizando a simplicidade; sem falar nos lindos trabalhos de musicalização de poesia feitos em "Rosa de Hiroshima" (poesia de Vinícius de Moraes), "Rondó do capitão" (Manuel Bandeira) e "Prece cósmica" e "As andorinhas" (poesias originais de Cassiano Ricardo).

A capa do disco, com as cabeças dos integrantes expostas numa visionária mesa de secos e molhados, é um caso a parte, figurante obrigatória em qualquer lista das melhores capas de discos da MPB.

Enfim, um viva aos Secos e Molhados !!!! Que o aniversário de 30 anos desse clássico possa ser comemorado como um incentivo à criação artística de qualidade, pois o grupo comprovou que para ser popular não é preciso ser medíocre.

Curiosidade I : Durante uma viagem promocional da banda pelo México, Moracy do Val, empresário do grupo recebeu várias propostas para que a banda fosse para os EUA e Europa, possibilidade que nunca contou com a aprovação de Ney Matogrosso. Estranhamente, pouco tempo depois, o Kiss surgiu com os rostos pintados, num estilo muito parecido com o da banda. Coincidência ?

Curiosidade II : Depois do lançamento do segundo disco em 1974, por divergências contratuais, a banda se separou num clima de disputa judicial, sendo que Ney e João Ricardo nunca mais se falaram.

Uma raridade, o registro ao vivo dos Secos & Molhados, gravado no Maracanãzinho em 1974

DISCO 7 (VINIL)

Compra e Venda

O Melhor da
Música Brasileira dos Anos 60 e 70

Fones: 3231-1193
9889-2860

Rua 7 de Abril, 176 - Sala 17 - 1º andar Centro - São Paulo

Rock Bottom

SITE ESPECIALIZADO EM VENDAS DE VHS E CD'S
(Atacado e Varejo)

Classic Rock '70
Kiss
Rock Nacional '70

Visite nosso site e adquira
o nosso catálogo completo
(11)3207-6359 c/ Renato

WWW.ROCKBOTTOM.NIT.NET

Tributo a Keith Moon – Centro Cultural Vergueiro/SP – 05/10

A nata do Rock Paulista se reuniu para uma mais que justa homenagem ao mestre Keith Moon, morto há exatos 25 anos. Nada melhor do que 4 bateristas da melhor fase do Rock Brasileiro homenageando o baterista do Who. Olha só que covardia: Rolando Castello Júnior (Patrulha do Espaço, Aeroblus e Inox), Paulo Zinner (Golpe de Estado, Rita Lee, etc.), Franklin (Tutti Frutti, Marcelo Nova) e Marinho (Casa das Máquinas).

Domingão quente em São Paulo e lá fui eu para o bacana Centro Cultural Vergueiro curtir mais uma daquelas tardes recheadas de muito Rock N' Roll. Cheguei cedo para conferir a passagem de som e logo percebi que o negócio iria ser pesado. As baterias estrategicamente montadas uma, em cada canto do palco (que era um quadrado), já davam uma pista da sonzeira que estava a caminho.

Além dos 4 bateristas, também tivemos presenças ilustres de Nélson Jr., René Seabra, Luiz Domingues, Rodrigo Hid, Marcello Schevano e Róbson Rocco. O show surpreendeu pela energia e pegada dos músicos, com um repertório emocionante, repleto de clássicos do Who, como My Generation, See Me Feel Me, Pinball Wizard, Baba O' Riley, We Won't Get Fooled Again, The Real Me e Who Are You. Os bateras iam se revezando, ora tocando sozinhos, ora tocando em duplas e até mesmo em quarteto, quando confesso que por pouco não perdi a audição em definitivo. Tomara que o pessoal se empolgue e que venham muitas homenagens desse tipo a outros monstros sagrados do Rock N' Roll.

Pérola Escondida

Mais um capítulo da nossa saga que retrata a carreira de supergrupos que comercialmente falando não deram em nada, mas no quesito musical, deixaram dois belos trabalhos ainda bem desconhecidos do grande público.

O KGB durou um pouco mais de um ano, e era formado por um time de estrelas que tentava se unir entre uma brecha e outra de seus outros projetos.

O vocalista Barry Goldberg era figura carimbada na cena do blues branco norte-americano, trabalhando muito como session-man desde os anos 60. Nessas andanças pelo mundo do Rock, gravou com Al Kooper, Mitch Ryder e Charlie Musselwhite. Além da voz privilegiada, cheia de Soul, o rapaz ainda mandava muito bem nos teclados (o órgão era sua especialidade).

A guitarra do KGB estava nas mãos de um mestre – Mike Bloomfield – que pode ser considerado o primeiro grande guitarrista branco de Blues da América. Tinha trabalhado com Paul Butterfield e sua Banda de Blues, e também com John Hammond. Para se ter uma idéia da competência de Bloomfield, quando Bob Dylan resolveu eletrificar seu som, Bloomfield foi sua escolha para a guitarra. Aliás é ele quem está no maravilhoso "Highway 61 Revisited", de Dylan. Depois formou o Electric Flag e ainda gravou o clássico "Super Sessions", com Al Kooper e Stephen Stills.

Nas quatro cordas, o "calejado" Rick Grech, que já tinha passado pelo Blind Faith, Traffic, Family, Ginger Baker's Air Force e outros. Para os teclados foi recrutado Ray Kennedy, que andava mais envolvido com artistas country, porém Kennedy era um expert no assunto – sabia tocar quase todos os instrumentos que envolvem uma banda de Rock, escrevia, arranjava, produzia e ainda fazia engenharia de som.

Na bateria, o KGB contava com o monstro Carmine Appice, que dispensa maiores comentários, bastando apenas dizer que ele era considerado a versão americana de John Bonham, e que naquela altura, já havia passado pelo Vanilla Fudge, Cactus e BBA.

O primeiro disco da banda saiu em 1975, trazendo muitas baladas e um ritmo contagiante. Tudo começa com "Let me Love You", um funk-rock bem com a cara dos anos 70, onde Goldberg já soltava seu vozeirão e Bloomfield costurava tudo com frases geniais. "Midnight Traveller" vem na seqüência e é uma baladona no melhor estilo Eagles, com muito feeling nos vocais de Goldberg. A versão para "I've Got A Feeling" dos Beatles também surpreende, com muita pegada roqueira e principalmente blueseira, vide os slides espertos de Bloomfield. "High Roller" investe na especialidade dos caras – baladas desesperadas! O lado A termina muito bem com "Sail On Sailor", balada com tempero Soul.

Para a outra metade da bolacha, temos "Workin For The Children" que começa bem calma com um belo violão e depois descamba para um delicioso Reggae. (Alguém já ouviu o Carmine Appice tocando reggae?) Destaque para a marcação precisa de Rick Grech. "You Got The Notion" e "Baby Should I Stay Or Go" são mais do que duas simples baladas, são também composições estilosas e muito bem arranjadas.

"It's Gonna Be A Hard Night" aparece em meio a tudo isso, quebrando o clima com seu contagiante balanço, abrindo caminho para mais uma balada – "Magic In Your Touch", recheada com um belíssimo arranjo de cordas, preparado pelo prodígio Kennedy.

Dizem as más línguas, que os poucos concertos que o quinteto produziu foram um fiasco de público, o que causou a debandada de Bloomfield e Kennedy. Rapidamente convocam Ben Schultz e Greg Sutton para as gravações do segundo disco batizado de "Motion" e lançado em 1976. Apesar da boa qualidade, esse trabalho perde bastante em relação ao anterior, em parte pela ausência de Bloomfield e também pelo descarado apelo comercial em alguns temas, chegando até a flertarem com a onda Disco que apavorava o planeta. Pouco depois a banda encerra suas atividades, com Appice partindo para a banda de Rod Stewart, onde ficaria por um bom tempo colhendo os louros (e os dólares) da vitória.

KGB - Lançamento: 1976 - Decca / MCA Records
Produção: Jim Price
Arranjos: KGB e Jim Price
Formação: Barry Goldberg (vocais)
Mike Bloomfield (guitarra)
Rick Grech (baixo)
Ray Kennedy (teclados)
Carmine Appice (bateria)

Faixas:
Lado A: Let Me Love You / Midnight Traveller / I've Got A Feeling / High Roller / Sail On Sailor.
Lado B: Workin' For The Children / You Got The Notion / Baby Should I Stay Or Go / It's Gona Be A Hard Night / Magic In Your Touch.

Notas:
Apesar da banda contar com um time de peso, o LP não figurou em nenhuma parada de sucesso.
Os dois únicos discos do grupo foram lançados em LP no Brasil, e até que venderam rezoavelmente bem por aqui.
As drogas mataram dois integrantes do KGB. Mike Bloomfield morreu de overdose aos 37 anos, em 1981. O guitarrista era viciado em heroína e também bebia muito. O baixista Rick Grech também faleceu devido a uma overdose, em 1990.

Situação: Lançado em vinil no Brasil em 1976 pela Chantecler. Nunca foi editado em CD em nenhum país do mundo.

CAPTAIN TRIPS
João Pacheco

CD's & LP's
Compra - Venda - Troca

Rock dos anos 60, 70, e 80

Todos os sábados das 09:00 às 18:00 hs
Pça. Benedito Calixto (rua dos discos) - Pinheiros
(entre a Cardeal e a Teodoro) - São Paulo - SP

Seboland Compra e Venda

LP's e CD's Usados

Loja 01: Av. Inconfidência Mineira, 1390 - fone: 3455-5667
Loja 02: Av. Rio das Pedras, 180 - fone:6785-5566
Vila Carrão - São Paulo - SP

VOICEPRINT

o melhor da Inglaterra na sua loja!
Todos os meses, lançamentos imperdíveis!
www.voiceprint.com.br tel / fax: (11) 5533 5908

DR. ROCK

dr.rock@ig.com.br

ROCKER TATOO COMICS
CD's - LP's - VHS - Camisetas - Revistas - Gibis
Hard - Heavy - Classic Rock
Tatuagem Piercing Henna
Iguaçu Center
Av. Mal. Floriano Peixoto, 1480 - Lj. 112 - Centro - N. Iguaçu - RJ
Cep: 26220-060 / Telefax: (21) 2768-1009 / 9877-4097

OLD TIME BAR DO AMADEU QUALITY
Vila Madalena SOUR MASH WHISKEY
100% Rock´n´Roll

novembro
02/11 Magic Blues
09/11 Marcelo Watanabe
16/11 Cracker Blues
23/11 Quarto Elétrico
30/11 Os Dinamites

dezembro
07/12 O Último Gole
14/12 Marcelo Watanabe
21/12 Poeira Jam

Todos os Domingos a partir das 19:00 hs
Rua Mourato Coelho, 1151 - Vila Madalena - São Paulo - SP - Tel: 3814-0671

CONFEITARIA SÃO GABRIEL

Bolos - Doces - Salgados

Aceitamos encomendas para festas !

3885-8878
3887-9319
3887-4886

Av. São Gabriel, 416 - Jd. Paulista

Rocks off Fone: (11) 3815-6736

CD's Nacionais e Importados - DVD's - Camisetas
Fitas VHS - ETC. e tal

Rua Fradique Coutinho, 632 - Pinheiros - SP

RARIDADE DISCO
raridadedisco@mailbox.as
LP's & CD's - Compra & Venda
Pç. Osorio, 333 lj. 25, gal. do Comércio
80020-010 - Curitiba/PR - F: 41-2230316

Laticínios Nossa Roça

Fone/Fax: (11) 4412-8567
Estrada Boa Vista, Km 9 - CX.P. 396
Cep 12940-000 - Atibaia - SP

FLOWERS
Cd's - VHS
DVD's
Nacionais e Importados
USA - EUROPE - JAPAN

Record's Brazil
Progressive Rock, Hard Rock, Heavy Metal
Folk, Jazz, Blues, New Age, Reggae, Brit-Pop,
Alternative Pop/Rock e o melhor da MPB
COMPRA - VENDA - TROCA
Praça Machado de Assis, 66 Lj. 139 - B. Vista - Recife PE
(por trás do cinema São Luiz) - Fone:(0xx81)3231.5846
e-mail: flowersrecordsbrazil@terra.com.br
http://www.flowersrecords.cjb.net/
Caixa Postal:1212 CEP:50060-040
Recife - PE

A BARATA
LIBERDADE DE EXPRESSÃO E EXPRESSÃO DE LIBERDADE
rock é atitude!
Confira a coluna da poeira Zine em www.abarata.com.br/coisas/poeira

O mais completo site de Rock!
http://whiplash.net
ATUALIZADO DIARIAMENTE
Confira a coluna da poeira Zine na Whiplash

Chega de música ruim!

A poeira Zine só traz a boa música dos bons tempos.
Aqui não tem "jabá", matéria paga e lixo musical.
Tudo por um único fator:
O real amor pela música...

Um ótimo fim de ano aos leitores,
patrocinadores e amantes dos bons sons.

poeira Zine

o melhor da música do melhor dos tempos

poeirazine@hotmail.com